

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

Mariana Machado Sarmiento

CONSTRUÇÕES ENTRE NARCISISMO E PERDA NA DEPRESSÃO

Brasília, 2008.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

Mariana Machado Sarmiento

CONSTRUÇÕES ENTRE NARCISISMO E PERDA NA DEPRESSÃO

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de Brasília
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Psicologia Clínica e
Cultura.

Orientador: Professor Doutor Luiz Augusto Monnerat Celes

Brasília, 2008.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

Esta dissertação de mestrado foi aprovada pela seguinte comissão examinadora:

Prof. Dr. Luiz Augusto Monnerat Celes – Presidente – Universidade de Brasília

Prof^a Dr^a Terezinha de Camargo Viana – Membro – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Daniel Delouya – Membro externo – Universidade de São Marcos

Prof^a Dr^a Estela Ribeiro Versiani – Suplente – Escola Superior de Ciências da Saúde e
IESB

Brasília, 2008.

Tenho um olho otimista que vive (e convive) e se volta para a beleza, a alegria, a decência e a compaixão. Mas meu olho pensativo, o outro, namora a sombra, espia em frestas, parteja suas ficções. Eu simplesmente escrevo tais coisas porque é isso o que – bem ou mal – eu sei fazer. (Lya Luft – Eu sou meus personagens).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, Éji e Neco, por terem me apresentado um mundo em que amor e trabalho são forças na vida que se escolhe, e pela generosidade na expressão de seu amor. Ao caro amigo José Carlos, pelo imenso carinho, respeito e apoio: palavras simples que me ajudam a ver além.

A meu irmão, Flávio, por ter me indicado o sentido do trabalho árduo: abrir mão do prazer e se haver com a realidade transformam crianças divertidas em adultos entusiasmados e corajosos.

A minha amiga e madrinha Heliete Karam, pela companhia nas conversas sobre a beleza e a estranheza do humano: um encontro que iluminou meus primeiros movimentos no estudo da psicanálise.

A todos os meus familiares, pelo laço de aço que nos une, e por me presentarem com a confortável sensação da intimidade: eu seria muito pouco sem seu amor.

A meus amigos de Brasília: pelo encontro de amor; pelas conversas intermináveis; e, especialmente, por me fazerem crer que felicidade é levar a vida de forma autêntica.

A meu orientador, Luiz Celes, pelos comentários pontuais na elaboração desta difícil tarefa. Pude entender que estudo, simplicidade e precisão transformam vagas idéias em escrita.

A meus amigos do Rio Grande do Sul, continuamente por perto, apesar da distância em quilômetros: agradeço pelo amor legítimo e pelo conforto dos encontros, que, embora raros, são verdadeiros como os primeiros.

Obrigada a todas as pessoas que me acompanharam. Construir este trabalho me fez descobrir que só temos idéia da nossa força quando precisamos exercê-la.

RESUMO

Este trabalho propõe-se a apresentar construções teóricas em psicanálise a respeito da depressão como expressão de sofrimento psíquico. Para isso, busca-se investigar a dinâmica do psiquismo na depressão e seus efeitos na transferência. Partindo da experiência da clínica psicanalítica, são destacados aspectos que correspondem ao conceito de narcisismo e à perda, elementos que ecoam a situação do deprimido. Qualificando-se a depressão como neurose narcísica, propõe-se uma aproximação da descrição do estado deprimido ao melancólico conforme apresentado na obra freudiana. Considerando o narcisismo como mecanismo central na depressão, relaciona-se a questão da constituição do *eu* com a noção de vinculação aos objetos no estado deprimido. Concebendo que o investimento no *eu* como único objeto pulsional indica um funcionamento narcisista, questiona-se acerca da restituição do objeto na fantasia nas neuroses narcísicas. Propõe-se, então, uma problemática entre fantasia, angústia e perda, sugerindo que a fantasia tenha uma função de reorganizar a perda, inscrevendo-se aí uma relação de temporalidade. Em função da organização narcisista e sua relação com a perda de amor, supõe-se que na depressão haja uma recusa à ligação ao outro como dispositivo de defesa. A desconsideração ao outro leva a problematizar a questão transferencial com deprimidos, tendo como núcleo o narcisismo como obstáculo à transferência. Assim, discute-se a constituição do *eu* nas neuroses narcisistas e suas implicações no processo analítico, apontando-se caminhos para a efetividade do trabalho psicanalítico com pacientes deprimidos, tendo como eixo o amor de transferência.

Palavras-chaves: depressão; fantasia; narcisismo; perda; temporalidade; transferência.

ABSTRACT

This work intends to present theoretical constructions in psychoanalysis in what respects depression as the expression of psychic suffering. In order for this to be achieved, it investigates the dynamics of the psychism in depression and its effects in transference. Starting from the experience of psychoanalytical clinic, aspects corresponding to the concepts of narcissism and loss are enhanced. These elements echo the situation of the depressed subject. In qualifying depression as a narcissistic neurosis, the present work proposes an approximation of the description of the depressive condition to the melancholic one as presented in Freudian works. Considering narcissism as the central mechanism in depression, the issue of the constitution of *self* is linked to the notion of connection to objects in the depressive state. Considering that the investment in the *self* as the only driving object indicates a narcissistic functioning, it raises questions about the restitution of the object in fantasy in the narcissistic neurosis. A problematic relation between fantasy, anguish and loss is then proposed, suggesting that fantasy has as a role the reorganization of the loss, which inscribes in it a temporality relation. Due to the narcissistic organization and its relation to the loss of love, it is supposed that, in depression, there is a denial in connecting to the other as a defense mechanism. The disregard for the other leads to the problematization of the issue of transference in depressed subjects, being narcissism, as an obstacle to transference, the core issue of this matter. Thus, the present work discusses the constitution of *self* in narcissistic neuroses and its implications in the psychoanalytical process, pointing out paths for an effective psychoanalytical work with depressed patients, which will have as axis the love of transference.

Key words: depression; fantasy; narcissism; loss; temporality; transference.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – CONSTITUIÇÃO DO <i>EU</i>, PERDA E NARCISISMO.....	5
1.1 MELANCOLIA E DEPRESSÃO.....	5
1.2 PERDA, AFETO E ESTADO DEPRIMIDO.....	11
1.3 FUNCIONAMENTO DO <i>EU</i> E PERDA NA DEPRESSÃO.....	15
1.4 DEPRESSÃO E DEFESAS.....	18
1.5 DEPRESSÃO, PERCEPÇÃO E SENTIDO.....	22
CAPÍTULO 2 – ORGANIZAÇÃO NARCISISTA E TEMPORALIDADE.....	29
2.1 NARCISISMO E FANTASIA.....	30
2.2 FANTASIAS – CONSTRUÇÃO, VESTÍGIO E RETORNO.....	33
2.3 AUSÊNCIA, ANGÚSTIA E FANTASIA.....	35
2.4 FANTASIA E TEMPORALIDADE.....	37
2.5 DEPRESSÃO E PULSÃO DE MORTE.....	39
CAPÍTULO 3 – NARCISISMO E TRANSFERÊNCIA.....	46
3.1 NEUROSES DE TRANSFERÊNCIA E NARCISISTAS.....	46
3.2 A RESISTÊNCIA AO OUTRO.....	49
3.3 ESTRUTURA NARCISISTA E CISÃO DO <i>EU</i>	52
3.4 COMPULSÃO À REPETIÇÃO E ALHEAMENTO.....	60
3.5 AMOR DE TRANSFERÊNCIA E CONSTRUÇÃO.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	77

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se a articular elementos da teoria psicanalítica que abarquem o tema da depressão. Partindo da experiência na clínica psicanalítica em que comparecem pacientes que se reconhecem deprimidos, busca-se um entendimento que possibilite uma correspondência entre as construções teóricas e os caminhos a serem percorridos na psicoterapia com deprimidos. Assim, procura-se investigar os aspectos implicados na organização do psiquismo na depressão.

A depressão tem sido freqüentemente expressão de sofrimento psíquico de pessoas que buscam auxílio psicoterápico na clínica psicanalítica. Na experiência da clínica, observa-se que o tratamento para a cura da depressão pressupõe um trabalho que combine psicofármacos e psicoterapia. Embora o paciente que esteja em tratamento medicamentoso perceba um abrandamento do sofrimento, considera-se que no trabalho psicanalítico com deprimidos, haja uma organização psíquica em que o sujeito parece não se implicar em seu sofrimento. Em outras palavras, o processo de psicoterapia com estes pacientes deixa a impressão de que são atravessados por um estado em relação ao qual permanecem distantes, como se o padecimento não fizesse parte de sua história. Torna-se prejudicado, assim, o processo de pensar sobre si mesmo e seu sofrimento, como também, e principalmente, de entrar em uma relação de transferência que efetive o trabalho analítico.

Uma das questões mais inquietantes em relação à situação do deprimido diz respeito justamente à impressão de ter sido surpreendido pela depressão, um estado que parece alheio ao sujeito, que se desconhece no abatimento. Percebe-se na narrativa do deprimido um franco desinteresse pelo mundo, por alguma atividade produtiva e pelos outros. Apesar da tristeza, que traz em si a idéia de um estado temporário, o

deprimido tem como marca uma noção de que a dor e o vazio são permanentes. O desinteresse que marca o estado deprimido orienta-se para o próprio sujeito: uma desapropriação de si parece ter-se instalado, e uma sensação de vazio emerge em sua narrativa. Observa-se uma dificuldade de o sujeito colocar-se em sua história de vida, idéia esta que se faz nítida na ausência de sentido que expressa. Escutando o deprimido, ficam marcantes os seguintes aspectos: a referência a uma perda de amor, a invariabilidade do afeto, a impermeabilidade ao outro e a perturbação da noção de tempo. Estes pontos sugerem uma quebra de sentido na qual o sujeito destitui-se de assumir um lugar em sua história.

A questão que se tornou o impulso para as construções sobre a depressão neste trabalho diz respeito à desconsideração pelo outro no estado deprimido. Com efeito, é idéia corrente nas produções em psicanálise a respeito das psicopatologias chamadas contemporâneas, que a depressão vem ocupando um espaço significativo como forma de expressão do sofrimento humano. A conexão da depressão com questões referentes ao consumismo, ao empobrecimento dos vínculos e à alteração do sentido do trabalho evidencia a importância que toma na cultura atual a experiência de estar deprimido. Assim sendo, a escolha por este tema apóia-se na concepção de que a depressão é uma condição que ecoa o sofrimento na contemporaneidade. Concebe-se, por conseguinte, que a depressão traz alterações em elementos de referência para a constituição do humano, como a ligação de amor, o afeto e a noção de tempo. Assim, um problema é colocado: como se organiza a dinâmica psíquica na depressão, e quais os efeitos do estado deprimido na transferência? Para que seja possível abarcar esta questão, são propostos caminhos desde as questões referentes ao isolamento da realidade até as implicações do funcionamento narcisista na clínica psicanalítica.

Inicia-se este trabalho aproximando a depressão da melancolia, tal como descrita por Freud, e que corresponde, em alguns aspectos, a uma figuração da depressão. Tendo em vista que a depressão tal como é configurada aqui não é explicitamente abordada na obra de Freud, o ponto de partida na melancolia justifica-se segundo dois aspectos: a referência à perda de um objeto de amor, o desinteresse pelo mundo e a incapacidade de restabelecer o vínculo com o objeto, mesmo na fantasia. Por conseguinte, qualifica-se a depressão como neurose narcísica, levando em consideração que Freud atribui esta qualificação à melancolia, e concebendo o narcisismo como mecanismo central no funcionamento da depressão. Deste modo, busca-se desenvolver relações que tenham como eixo o narcisismo, conectando-as com as questões da referência dos objetos primitivos para o sujeito, o afeto e os dispositivos de defesa acionados no estado deprimido.

Em um segundo momento, aborda-se a relação entre narcisismo e fantasia, supondo que o isolamento no *eu* no estado deprimido – marca do narcisismo – fala de um rompimento com a ligação aos objetos da fantasia. Tecendo uma comparação com as neuroses de transferência, em que a fantasia funciona como garantia de preservação do contato com a realidade, questiona-se acerca da construção de fantasias nas neuroses narcísicas, em que o *eu* é único objeto de investimento pulsional. Entendendo que a fantasia constitui em si satisfação de desejo, sugere-se uma conexão entre perda e fantasia, propondo-se uma relação de temporalidade: tomando a concepção de alucinação do objeto ausente como registro de fantasia, propomos que a fantasia tenha uma função de mediar a satisfação pulsional e organizar o tempo da perda. Compreendendo que nas neuroses narcísicas a incapacidade de restabelecer na fantasia o objeto perdido atrela-se a uma recusa à ligação de amor com o objeto, aponta-se a correspondência com o isolamento no *eu* e o esvaziamento na depressão. Estes

elementos indicam a incidência da pulsão de morte, o que leva a articular este conceito com a fantasia e o narcisismo na depressão.

No terceiro e último capítulo, é trazida para a discussão a problemática do trabalho de psicanálise com deprimidos, partindo do ponto em que a transferência é conceito que fundamenta o método psicanalítico. Assim, discute-se a relação das neuroses de transferência com as neuroses narcísicas, tendo em vista a consideração de Freud a propósito do texto de 1914, em que introduz o tema do narcisismo, considerando este mecanismo um obstáculo à instalação da transferência. Aponta-se, então, que o dispositivo narcisista tem como efeito o prejuízo no estabelecimento do vínculo com o analista. Concebendo que nas neuroses narcísicas o *eu* estrutura-se de forma precária de modo que prejudica o vínculo com o outro, buscam-se construções que possibilitem uma reorganização do *eu* em análise e, como efeito, uma restauração dos objetos de amor. Neste sentido, é trazida a noção de *cisão do eu* e alheamento do sujeito nas estruturas narcisistas e sua relação com a negativa como mecanismo de defesa narcísico. O conceito de pulsão de morte é novamente abordado, no sentido de que se orienta para uma tentativa de organização pulsional em relação aos objetos originários, e então se abre a possibilidade de reconhecimento do desejo e de ligação ao outro. Por fim, sinalizam-se possíveis saídas para o processo psicanalítico com deprimidos, tendo como apoio a temática sobre o amor em transferência. Pontuam-se algumas possíveis orientações do analista no processo de psicoterapia com deprimidos, em que se destacam a importância do afeto, do interesse e da comunicação com o paciente.

CAPÍTULO 1

CONSTITUIÇÃO DO *EU*, PERDA E NARCISISMO

1.1 MELANCOLIA E DEPRESSÃO

Uma forma de expressão do sofrimento que comparece com frequência na clínica psicanalítica toma sentido na fala do sujeito que se reconhece deprimido. A depressão vem se tornando uma condição comum em que a queixa expressa pelo paciente sugere amiúde um relato de desânimo, sensação de vazio e solidão. Para além da questão do diagnóstico clínico que destaca a sintomatologia, buscamos elaborar articulações sobre a depressão no que concerne à metapsicologia de Freud, tendo em vista os elementos com os quais se qualifica a depressão como neurose narcísica. Propomos uma aproximação entre depressão e melancolia, considerando que alguns aspectos peculiares ao estado deprimido ecoam a descrição do melancólico formulada por Freud. Dessa forma, a discussão trazida aqui tem como pontos de ligação as questões do narcisismo, da constituição do *eu* e da relação entre *eu* e objeto, tópicos que alicerçam o entendimento das neuroses narcísicas, qualificação que Freud (1917a/1959) atribui à melancolia.

No texto sobre o estado melancólico, Freud (1916/1959) propõe uma articulação entre melancolia e luto, no que se refere aos sinais que descrevem o estado do sujeito: a dor, o desinteresse pelo mundo exterior, a incapacidade de escolher um novo objeto amoroso e a fixidez da lembrança à pessoa amada. Freud nos faz notar a perturbação do amor próprio na melancolia, traço este ausente no estado de luto que é uma reação temporária

“à perda de um ser amado ou de uma abstração equivalente: a pátria, o ideal, etc.” (p. 492). O trabalho do luto, para Freud (idem) consiste na exigência de que a libido abandone as relações com o objeto, que já não existe na realidade. Esta reivindicação toma um caráter doloroso para o sujeito, que “jamais abandona de boa vontade qualquer das posições da sua libido” (p. 493) e, frente à resistência a abdicar, é possível que o objeto seja conservado mediante uma alucinação como forma de afastamento da realidade dolorosa. O fato de o objeto poder ser mantido - no registro da lembrança - não anula o trabalho do luto, porém aí se constitui uma diferença entre o luto e o estado melancólico: Freud (idem) pontua que a melancolia surge no lugar do luto e, com frequência, é uma reação à perda de fato de um objeto amado; outras vezes, a perda está na esfera do ideal: o objeto não morreu, mas perdeu-se como objeto erótico. A melancolia diz respeito, dessa forma, à perda de amor.

Tomando a experiência clínica como ponto de partida de um entendimento sobre a depressão, notamos que o paciente deprimido traz também em sua fala uma referência a perda. Ainda que esta não tenha necessariamente um apoio na lembrança, a questão da sensação de esvaziamento referida nos leva a pensar em um movimento de retirada de algo que existira para o sujeito. Percebemos que, entrelaçado à noção de esvaziamento, comparece na fala do deprimido um pesar referente a um prejuízo no relacionamento amoroso, revelando uma perturbação no investimento afetivo em relação aos outros. Nesta linha, acreditamos haver, inicialmente, dois pontos em destaque neste debate: a perda e o afeto, que comportam um enredo constituído pela relação entre *eu* e objeto.

No estado melancólico, Freud (1916/1959) considera marcante a condição do empobrecimento do *eu* conseqüente da perda de amor, e assinala que o efeito deste empobrecimento é o movimento de retração da libido para o *eu*. O *eu* realiza um trabalho de tornar possível o abandono do objeto através da identificação com ele,

mediante a regressão da libido ao funcionamento típico atribuído à fase oral (1924b). A idéia de que o objeto perdido, ou abandonado, possa ser reproduzido na vida psíquica, nos leva a entender que o *eu* torna-se empobrecido pela identificação com o objeto perdido; entretanto, a despeito de seu empobrecimento, permanecem no *eu* elementos que correspondem ao *eu* do objeto perdido, ou seja: em relação àquilo que corresponde ao identificado, são mantidos vestígios do *eu* do sujeito. Nesta linha, Freud (1916/1959) nos traz a idéia de que o objeto se projeta sobre o *eu*, de maneira que traços daquele encontram eco no *eu* do sujeito:

“A sombra do objeto caiu assim sobre o eu que, a partir deste instante, pôde ser considerado como uma instância especial, como um objeto, e, em realidade, como o objeto abandonado. Desta forma, a perda do objeto se transformou na perda do eu, e o conflito entre o eu e a pessoa amada, transformou-se em uma discórdia entre a crítica do eu e o eu modificado pela identificação”. (p. 498).

Freud (1921/1959) aponta que na melancolia a sombra do objeto que recai sobre o *eu* torna nítida a introjeção do objeto pela identificação. Como características do *eu*, Freud (1923/1959) sustenta serem os resíduos (mnêmicos) dos investimentos no objeto abandonados, traços estes que contêm impressa a história das escolhas de objeto. É importante destacar a idéia de que “a modificação do eu pelo abandono do objeto sexual é processo freqüente nas primeiras fases do desenvolvimento” (p. 189); portanto, abandono do objeto e modificação do *eu* são processos que participam desde cedo da vida psíquica e a constituem. Freud (1916/1959) nos faz notar que a retirada da libido do objeto na melancolia e sua retração ao *eu* ocorre em conseqüência de um processo a que se pode dar o nome de identificação narcísica: “o eu é então tratado como objeto abandonado, e suporta todas as agressões e manifestações de vingança que atribuiu ao

objeto”. (p. 498). Nesse ponto, evidenciamos a importância de discutir questões a respeito da constituição do *eu* e sua modificação no narcisismo.

Sob o ponto de vista do desenvolvimento psicosssexual, Freud (1911/1959) aponta que o narcisismo é um estágio da evolução da libido, entre o auto-erotismo e o investimento nos objetos. Esclarece que a libido inicialmente escoia para zonas localizadas no corpo, de acordo com os caminhos abertos pela pulsão, força constante que procede do interior do organismo. Freud (1915/1959) esclarece que o objeto da pulsão caracteriza-se pela variabilidade, isto é, pode ser externo ou interno ao sujeito, o que inclui o próprio corpo. Inicialmente representada em zonas erógenas, a pulsão tende, mais tarde, a se concentrar, como área preferencial, na região genital. No trajeto da libido que se desenvolve em direção à prioridade genital, há um patamar em que o investimento incide sobre o *eu*, unificando os “objetos” parciais do auto-erotismo: a etapa do narcisismo institui-se como um modo de funcionamento que tem o *eu* como objeto de investimento, no sentido dinâmico. É importante notar que a fase narcísica tem uma atividade sexual auto-erótica, conforme nos diz Freud (1917b/1959); este narcisismo que se configura como fase do desenvolvimento da libido, Freud (*idem*) assinala como primário, e sua importância reside no fato de efetivar a constituição do *eu* pela inauguração de um objeto tomado como total. O narcisismo primário diz respeito, dessa forma, a um modo de investimento de objeto que assegure um retorno da libido ao *eu*, e isto é o que direciona o sujeito a um certo tipo de escolha de objeto de amor.

Retomando a referência à depressão, entendemos que o *eu*, empobrecido pela perda do objeto de amor, encontra na identificação narcísica uma saída para se conservar, isto é, para não se perder com o objeto. Referindo-se às neuroses narcísicas, Freud (1917a/1959) nos faz notar que o narcisismo e a constituição do *eu* são núcleos destas neuroses, sendo que a diminuição da mobilidade da libido em relação aos objetos é o

que as caracteriza. A disposição à neurose está ligada a uma possibilidade de fixação da libido a cada uma das etapas do desenvolvimento da sexualidade, conforme pontua Freud (1905/1959). Seguindo este pensamento, afirma que especificamente em relação ao narcisismo, a fixação da libido ao *eu* – regressão da libido - prejudica sua derivação para outros objetos. Consideramos importante assinalar a questão que Freud (1917a/1959) define como qualidades da libido, a saber, plasticidade e mobilidade, e viscosidade. A plasticidade da libido, conforme Laplanche e Pontalis (1992) está relacionada à capacidade de a libido “mudar de objeto e modo de satisfação, com maior ou menor facilidade” (p. 135). A viscosidade da libido refere-se ao afinco com que a libido adere a certas direções e certos objetos; é uma “qualidade postulada por Freud para explicar a maior ou menor capacidade da libido para se fixar a um objeto ou a uma fase, e sua maior ou menor dificuldade para mudar seus investimentos uma vez assegurados” (p. 511). A noção de viscosidade da libido nos leva a pensar em uma incapacidade de restabelecer uma vinculação ao objeto após uma perda, conforme visto com Freud a respeito da melancolia, em que há uma regressão ao *eu*. Em relação à histeria e à neurose obsessiva, Freud (1911/1959) refere um isolamento da realidade em que a libido volta-se para se investir nas fantasias. De fato, Freud (1914/1959) considera que a manutenção do objeto na fantasia - na histeria e na neurose obsessiva - significa uma perda da relação com a realidade e uma retração do investimento do mundo externo para o interno – a introversão da libido. No entanto, referindo-se à *parafrenia* (esquizofrenia), Freud (*idem*) infere que o sujeito realmente retira a libido do investimento nos objetos externos – reais, por assim dizer – porém sem substituí-los na fantasia. Nesta condição, Freud assinala que o ponto de chegada da libido retraída dos objetos é o *eu*, e, dado o funcionamento econômico – quanto maior o investimento em um, menor é em outro - sinaliza um investimento narcísico. A identificação narcísica

com o objeto na melancolia converte-se em uma substituição da carga do objeto, em consequência do que, a relação erótica não pode ser abandonada, apesar da exigência da realidade de que isto seja efetivado. Esta substituição do amor ao objeto por uma identificação é um mecanismo importante das doenças narcisistas, assinala Freud (1916/1959): corresponde a um movimento regressivo, pois a identificação é a fase preliminar da eleição do objeto e a primeira forma de que o *eu* lança mão para distinguir um objeto; ainda que escolha de objeto e identificação sejam processos independentes um do outro, o desejo da incorporação do objeto, como ocorre na fase oral do desenvolvimento da libido, articula-se à identificação: “entretanto, é possível identificar-se com alguém que, por exemplo, foi tomado como objeto sexual, e modificar o eu segundo esse modelo” (FREUD, 1932-1936/1959, p. 82). Nesse sentido, Freud (1905/1959) delinea que o melancólico retirou do objeto sua libido e a retraino ao *eu* em consequência de um processo de identificação narcísica, e complementa que a dependência do objeto amado é causa de depressão: aquele que ama abre mão de parte de seu narcisismo, e só pode compensá-lo sendo amado (1921/1959). Deste modo, Freud (1924b/1959) frisa a respeito da identificação e perda: se alguém perdeu um objeto, uma forma de compensar a perda é identificando-se com ele e o restabelecendo no *eu*, configurando uma regressão à identificação como forma primitiva de ligação afetiva. Assim, Freud infere que o investimento erótico do melancólico segue duplo caminho: uma parte dele retrocede até a identificação e a outra até a fase sádica, sob o a influência da ambivalência. Freud (1914/1959) pontua que a identificação é, desde o início, ambivalente, e pode concretizar-se tanto numa exteriorização carinhosa como no desejo de supressão. Os elementos que marcam o estado melancólico para Freud têm como núcleo a ambivalência dos afetos e a regressão da libido à identificação narcísica mediante a restituição dos caracteres do objeto no *eu*, tornado objeto em sua função.

Compreendemos que no estado deprimido não fica clara a marca da ambivalência, e sim uma impermeabilidade do sujeito aos objetos, que leva a um prejuízo na disposição à vinculação com estes. A questão do afeto na depressão associa-se mais ao que podemos entender como um “silêncio” afetivo, uma espécie de apaziguamento, que não necessariamente segue a polaridade entre amor e ódio descrita a respeito da melancolia.

1.2 PERDA, AFETO E ESTADO DEPRIMIDO

Fédida (2002) sugere que o afeto marca a qualidade da depressão: “o estado deprimido poderia ser visto, assim como a angústia, como um estado de afeto arcaico no qual o corpo desempenha um papel determinante na vivência”. (p. 12). O autor nos faz notar que a característica deste afeto deprimido seria a “alteração do tempo, a perda da comunicação intersubjetiva e, correlativamente, um extraordinário empobrecimento da subjetividade” (p. 11). Afirma que, embora a tristeza corresponda ao estado deprimido, o fato de se sentir triste já denota um movimento que tende à vida. Fédida nos traz um entendimento sobre a depressão afirmando que esta é uma *doença humana do tempo* que afeta a representação e a ação, a linguagem e a troca de comunicação entre o paciente e os outros: o estado deprimido é uma doença humana no que concerne à constituição da vida psíquica em interação com a mãe e o ambiente, que se afeta por um excesso de violência vindo do interior ou do exterior. Fédida compreende que a depressão figura um “recinto fechado” (p. 22): uma inacessibilidade do sujeito em relação à denominação dos afetos, isto é, uma privação de expressar os afetos pela fala, e, ainda, de se apropriar “daquilo que ele sente por intermédio das palavras pelas quais designa a vivência de seu estado”. (p. 49). Além da questão afetiva, este encerramento do deprimido diz respeito também ao que Fédida nomina como *desposessão* da imagem

de si. Fédida nos traz a idéia de *depressividade*, ou *capacidade depressiva*, considerada por ele como própria da vida psíquica, e entendida como a “constituição da experiência da perda e da transformação da vivência interior por ela”. (p. 28). A depressividade é, então, no pensamento de Fédida (idem) uma capacidade de criação: uma forma de readaptação do psíquico a sua temporalidade, ao tempo da *construção de si*, em que está implicada a noção de mobilidade psíquica. O autor pontua que o deprimido tem um tempo próprio: “a questão não é a depressão em si, mas uma dificuldade de restituir a morte, de se colocar temporalmente em sua história, de readquirir a capacidade depressiva” (p. 65).

Dialogando com as questões metapsicológicas abordadas anteriormente, alguns pontos podem ser elucidados em relação ao que Fédida (2002) infere a respeito da depressão. Primeiramente, a idéia de que uma perturbação do afeto é constitutiva do estado deprimido; em segundo lugar, a noção de imobilidade psíquica em relação à libido e à perda do objeto; por último, a questão do narcisismo, nuclear na situação do deprimido, que Fédida menciona a propósito da idéia de “recinto fechado da depressão”, e que Green (1988) aborda na relação entre narcisismo moral e depressão, conforme trataremos adiante.

Freud (1925/1959) infere que, frente à perda do objeto, duas reações afetivas podem ocorrer: a angústia e a tristeza. Considera que a angústia é uma reação ao perigo da perda do objeto, e a tristeza, uma reação a esta perda. Além da angústia e da tristeza, Freud (idem) propõe que os demais afetos são reproduções de acontecimentos remotos: “Os estados afetivos acham-se incorporados à vida psíquica na forma de resíduos de sucessos traumáticos primitivos e despertam, como símbolos mnêmicos, em situações análogas aos ditos sucessos antiqüíssimos”. (p. 232). Nesta linha, Fédida nos traz a idéia de *afeto glacial*, metáfora que emprega a imagem de uma paisagem glacial que

descreveria “uma terra privada de seres vivos” (p. 34). Tomando a idéia de um período de glaciação da terra em que são produzidas “formas conservadoras de vida” (idem), o autor pensa o psiquismo “como uma forma fixa de conservação da vida que é, no entanto, suficientemente plástica para dispor de uma capacidade de regressão” (idem). Prossegue inferindo que a depressão seria um estado de regressão que teria uma função de regular as mudanças – separações e lutos: retomando a noção de depressividade, tratada aqui ainda de forma superficial, Fédida a diferencia do estado deprimido, no sentido de que é a “reapropriação do psíquico com suas próprias temporalidades”. (p. 37). Acompanhando o pensamento de que o paradigma depressivo figura a vida inanimada, conforme sugere Fédida, e que a mobilidade psíquica está associada à capacidade de vinculação aos objetos, consideramos que a questão do inanimado na depressão remete a uma paralisação do investimento nos objetos, correspondendo à viscosidade da libido, proposta anteriormente. Entretanto, retomando a idéia de que na melancolia há uma regressão da libido ao *eu* – ou uma fixação ao *eu* narcísico – e existe aí um objeto, concebemos que a depressão supõe uma tentativa de retorno a um estado arcaico da vida psíquica, isto é, uma espécie de “congelamento” do afeto.

O adjetivo glacial atribuído ao estado deprimido nos leva a pensar no narcisismo, no sentido da regressão da libido como tentativa de reintegração do *eu* tornado empobrecido pela perda do objeto com o qual estava identificado de maneira narcísica. Conforme Freud (1910/1959) assinala a respeito do narcisismo, remetendo-se à lenda grega do rapaz chamado Narciso, “que nada amava tanto como a própria imagem, refletida na água” (p. 42), Delouya (2001) acompanha esta idéia em articulação com a depressão. Descreve que o afeto depressivo surge à medida que a criança não é capaz de restaurar o objeto dentro de si quando o perde. “O afeto depressivo situa-se, então, nesse ponto central de transição, constitutivo do psiquismo, em que abdicação narcísica, da

onipotência e da fusão, se faz necessária”. (p. 36-37). Nessa linha, Delouya (idem) propõe que a experiência depressiva remonta ao período do psiquismo em que o ideal do *eu* figura-se incorporado na imagem e corpo do outro, momento este que representa a formação do *eu* e a conseqüente diferenciação do outro no psiquismo:

“Entende-se por que a perda do objeto de origem ‘cai’, na depressão, não sobre o eu (conforme Freud postula em relação à melancolia), mas sobre o eu-ideal: o sujeito parece sugado pelo seu eu-ideal, absorção que constitui o contexto de todas as formas de retraimento, de impotência e limitação do pensamento e do afeto, manifestados nas depressões graves e crônicas”. (DELOUYA, 2001, p. 59).

Delouya (2001) traz uma noção de depressão em que narcisismo e desamparo constituem pontos que vão além da relação entre *eu* e objeto. Propõe que a depressão seria um estado conseqüente à perda como fato consumado, diferente da angústia, que se endereça a um tempo futuro. Em seu pensamento, a depressão associa-se ao estado de abatimento em si, como reprodução do trauma do nascimento, que deixa vestígios de desamparo e trauma: “O desamparo é, portanto, o estado protótipo da depressão; a angústia é o ruído – proveniente da pulsão – e que, mais tarde, motivará o recalçamento”. (p. 40). Para Delouya (idem) a depressão relaciona-se ao estado de desamparo no sentido de afastamento da possibilidade de satisfação que a relação com o corpo da mãe proporcionara; este espaço, tomado como “espaço de gozo” pelo autor, diz respeito a um estado de fusão, sem uma delimitação nítida do terreno psíquico. Neste sentido, entendemos que Delouya refere-se à idéia de desamparo como um estado localizado fora da “polarização entre uma plenitude e o limite de existência” (p. 46); este estado impulsiona o desejo da efetivação de um contorno – talvez um amparo – para a construção de um *eu* integral. Como efeito do desamparo, a depressão teria uma

função de defesa, segundo Delouya (2001): perder o objeto está associado a perder referências de si, no momento em que o si próprio é também um outro, em fusão com a mãe. A depressão como defesa apresenta-se, para Delouya, como *salv guarda* de uma desintegração do psiquismo em sua estruturação narcísica, como uma espécie de limite com o qual o sujeito pode construir-se minimamente.

1.3 FUNCIONAMENTO DO EU E PERDA NA DEPRESSÃO

A compreensão de Delouya (2001) nos leva a considerar a constituição do sujeito a partir da ausência, isto é, uma espécie de preenchimento efetivada pelo objeto no sujeito, possível por este mimetismo da ausência do objeto. Para Green (1988) a ausência toma um espaço cuja fronteira – ou borda – delimita o espaço psíquico, vazio, do sujeito em que poderá haver uma identificação com o objeto – perdido. Neste sentido, Green nos fala que há um desinvestimento do sujeito no objeto: o sujeito é investido pelo objeto, em um processo passivo. Green questiona a associação entre incorporação – introjeção - do objeto, no sentido que Freud (1914/1959) infere sobre devorar o objeto identificado e conservá-lo, ponderando que a possibilidade de destruição do objeto mediante a incorporação – o ‘devorar’ – implicaria o aniquilamento do *eu*. Dessa forma, Green (idem) afirma que para o *eu* – que, tendendo para a unificação, é narcísico – o objeto é um trauma. O narcisismo é, para Green, uma solução para a questão de que o *eu* só representa o objeto à medida que este irrompe no *eu*, espaço de recepção do objeto que pode ser representado. O *eu* não pode representar a si mesmo, pois é o objeto que lhe dá a característica de conceber a realidade: “a apreensão da realidade, ainda que fosse seletiva e orientada pelos mecanismos de projeção, necessita do estabelecimento de um nível de investimento relativamente estável”; neste

sentido, frisamos a afirmação de que “[o Eu] *é aquilo pelo que pode haver representação*”. (p. 152). Para Green, o narcisismo como aquilo que soluciona a questão do *eu* sem representação de si – pois o *eu* é o resultado da distinção de uma parte do id, pelo contato com o mundo externo – encontra sentido na seguinte formulação: a libido investida no *eu* lhe dá a possibilidade de encontrar um objeto de amor, e este investimento “imaginário” (p. 153) será tanto maior quanto mais forte tiver sido a decepção causada pelo objeto, decepção esta “que está na raiz da depressão” (p. 153). Decepção e depressão estão ligadas a uma antecipação do caráter real dos objetos – materno e paterno, isto é, uma desilusão precoce em relação ao que os pais têm de ideal; a partir do momento em que o sujeito percebe que as figuras dos primeiros investimentos não correspondem a sua necessidade, o *eu* tem que fazer um trabalho para ir até o objeto, como enfatiza Green, e por isso é traumático: o objeto impõe um movimento, uma desorganização do *eu* em seu esquema pulsional. Assim sendo, a complexidade da relação entre *eu* e objeto reside em dois pontos: a noção de que o objeto varia em si mesmo – tem desejos próprios – e na intensidade em relação ao sujeito - o objeto é demasiado ou pouco ausente, e, ainda, excessiva ou minimamente presente; o outro ponto diz respeito à satisfação que o objeto propõe ao *eu*, associado à sua variabilidade. Esta idéia de que o movimento de ‘ir ao objeto’ e acompanhar suas variações seja traumático para o *eu*, nos leva a entender que, como vimos com Freud, a melancolia diz respeito a uma perda do objeto – ou do amor deste – que acontece à revelia do sujeito; Freud descreve que o *eu* assume a função de objeto pela identificação, como uma maneira de manter um mínimo de investimento no objeto, ainda que deste conserve-se apenas a sombra. Entretanto, um detalhe nos faz questão: o objeto é abandonado ou este é quem abandona o *eu*? Esta mudança na direção do desinvestimento nos faz retornar a Green (1988) no que concerne à decepção do sujeito

em relação ao abandono efetivado pelos pais, e o trauma que se institui a partir do movimento de se lançar em direção ao objeto – não abandonado, mas ausente e variável. Nesta linha, Green (1988) relaciona a depressão com o que nomeia “complexo da mãe morta”, uma metáfora em que sugere um luto *do objeto* permeando a relação com o sujeito. Este luto pode dar-se pela perda real de um objeto, pela morte de alguém, mas não é o que determina a constituição do complexo da mãe morta; o que está em evidência é a “tristeza da mãe e a diminuição do interesse pela criança” (p. 247). Neste momento, Green (idem) ressalta que o sujeito percebe a perda do amor da mãe como uma catástrofe súbita, constituindo “uma desilusão antecipada e que provoca, além da perda de amor, uma perda de *sentido*, pois o bebê não dispõe de nenhuma explicação para dar conta do que aconteceu”. (p. 248). Assim, a defesa é empreendida pelo *eu* na tentativa de se reconstituir dos efeitos da perda; Green destaca duas direções principais dentro do mesmo movimento defensivo: o desinvestimento do objeto materno – no nível do afeto e da representação - e a identificação inconsciente com a mãe morta. O desinvestimento, conforme esclarece Green, “constitui um assassinato psíquico do objeto, realizado sem ódio” (p. 249) e tem como efeito um buraco na rede de relações objetais com a mãe: o sujeito renuncia ao objeto. De outra forma, o desinvestimento também acontece como uma “identificação segundo um modo primitivo com o objeto” (p. 249): uma identificação especular, alheia ao *eu*, que visa a uma incorporação do objeto, tornando-se o sujeito o próprio objeto; a identificação com a mãe morta supõe que o sujeito destitui-se de si, mimetizando o objeto em luto. A perda de sentido referida diz respeito a um desmoronamento da “construção do seio cujo prazer é a causa, a finalidade e a garantia” (p. 250). Como efeito disso, o sujeito, em suas relações posteriores, busca um objeto que não será passível de introjeção, isto é, “os objetos do sujeito ficam sempre no limite do Eu, nem completamente dentro nem totalmente fora.

E isto porque o lugar está ocupado, no centro, pela mãe morta”. (p. 252). Ecoando de certa forma a noção de afeto glacial proposta por Fédida (2002) Green (1988) que no estado depressivo há uma incapacidade de amar que se delimita na idéia de desinvestimento afetivo e representativo descrita: o desinvestimento resulta em um núcleo frio - um “*amor gelado*” - no qual o sujeito aliena sua disposição a amar e a se vincular a outros objetos.

1.4 DEPRESSÃO E DEFESAS

Green (1988) nos traz uma associação entre narcisismo e depressão, na qual a noção de narcisismo moral é tomada como uma subestrutura do narcisismo. O narcisismo moral, Green (idem) coloca como uma inversão do que Freud infere sobre o desejo de o sujeito ser criança; propõe que “o projeto do narcisista moral é inverso a isto: ele quer, como uma criança que é, parecer-se com os pais que uma parte dele imagina não terem nenhum problema para dominar suas pulsões: ele quer ser grande”. (p. 195). O narcisista moral procura, então, romper o vínculo com o objeto, e, como solução do conflito, procurará “empobrecer cada vez mais suas relações objetais para levar o Eu ao seu mínimo vital objetual e conduzi-lo assim ao seu triunfo liberador”. (p. 196). Assim sendo, seguindo o pensamento de Green, o narcisismo revela-se como única solução para a exigência pulsional de que haja um objeto mediador da satisfação. Entretanto, a depressão, como nos faz notar o autor, é efeito deste investimento objetual narcisista quando o objeto decepciona ou torna-se ausente: a satisfação que o narcisista moral encontra no empobrecimento é o sentimento de ser superior pela renúncia ao prazer; para o narcisista moral, a aceitação das pulsões é uma ameaça de desorganização, e a saída encontrada é a recusa do prazer. A consciência moral é considerada por Freud

(1914/1959) como a instância psíquica especial encarregada de velar pela satisfação narcisista no *eu* ideal e que, no cumprimento de sua função, vigie continuamente o *eu* atual e compare-o com o ideal. O objeto superestimado é aquilo que o sujeito projeta diante de si, “pois não pode renunciar à satisfação da infância, de ser a majestade”. (FREUD, 1914/1959, p. 270). Deste modo, o *eu* tenta alcançar a suposta perfeição da infância de novo sob a forma do *eu* ideal, deslocando o narcisismo para o objeto. Freud assinala que a evolução do *eu* refere-se ao “afastamento do narcisismo primário mediante o deslocamento da libido sobre um eu ideal imposto do exterior, e a satisfação é proporcionada pelo cumprimento deste ideal”. (p. 270); na infância, o objeto era o *eu* verdadeiro, e por isso este deslocamento do narcisismo sobre o *eu* ideal, pois conserva todos os atributos perfeitos do infantil. Ser amado como era pelo objeto é propósito do *eu*, que tem neste amor um ideal de si próprio: o *eu* busca em si a sombra – os vestígios – do objeto que o amava. A morte do *eu* na melancolia compreendida por Freud (1916/1959) como dependente da função atual de objeto, nos faz pensar na identificação com a mãe morta que Green (1988) destaca: o sujeito deprimido, inscrito no campo do narcisismo moral, conserva a sombra do objeto como uma maneira de garantir, de alguma forma, a correspondência entre si e o objeto: o *eu* se mantém, assim, no lugar de desejado pelo objeto, porém segundo a forma e a intensidade com que o objeto o amou. Congelado nesta função de ser amado, não consegue reconstituir uma ligação de amor com o objeto em sua totalidade, mas sim com resquícios do *eu* no objeto, segundo sua ótica. A recusa à ligação de amor reside, assim, em um desligamento de tudo o que não diga respeito ao objeto tal como o *eu* o deseja.

Green (1988) localiza o narcisismo moral entre a rejeição e a recusa da realidade: a rejeição como expulsão sob qualquer forma da pulsão ou seus representantes, como uma recusa a conhecer sobre; a recusa da realidade, ou renegação, referente ao recalçamento

da percepção, como no caso do fetichismo, em que Freud aponta a recusa da percepção da ausência. Nesse sentido, a dinâmica do narcisista moral aproxima-se do funcionamento psicótico, dedicando-se “a uma recusa da realidade procurando preencher a ausência de proteção com uma imagem todo-poderosa, a fim de obstruir esta falta intolerável”. (p. 201). A questão da recusa da realidade nos leva para a leitura do termo *Verleugnung*, discutido por Figueiredo (2003) em relação às formas limítrofes de psicopatologia na contemporaneidade. A expressão é tomada no sentido de ‘desautorização’, e se refere a um mecanismo ativo na constituição psíquica de todas as pessoas; o aspecto enfatizado neste mecanismo concerne à “interrupção de um processo pela eliminação da *eficácia transitiva* de um dos seus elos”. (p. 59). Significa dizer que a recusa se efetiva em relação ao encadeamento de efeitos que determinadas percepções despertam no psíquico, como um impedimento de que o saber provindo de uma percepção produza efeitos. Figueiredo esclarece que uma percepção neste caso é destituída de autoridade para motivar outras percepções e processos do psiquismo: a percepção deixa de impulsionar, de produzir efeitos, mantendo-se isolada dos processos mnêmicos e de simbolização. A percepção tem significado, porém não produz efeitos, pela retirada, ou exclusão, “de uma rede de associações para ser preservado como uma quase-coisa” (p. 62):

“Nessa condição reificada de ‘quase-coisa’, os itens se prestam a formar coleções de lembranças ao mesmo tempo muito vívidas e totalmente inúteis, lembranças que não se integram ao fluxo psíquico por terem perdido a capacidade de metaforização”. (FIGUEIREDO, 2003, p. 62).

O autor sugere uma importante concepção de que haja, no aparelho psíquico, um espaço em que se instalem essas quase-coisas, isto é, os conteúdos provindos da percepção que

não são associados a outros, não se integrando às redes simbólicas. Estes elementos, por não serem interpretados, são desprovidos de sentido, não entrando em um encadeamento. A questão da percepção é trazida por Figueiredo como constituída por três momentos: no primeiro, há uma síntese, que delimita e dá figurabilidade ao percebido, como uma *gestalt*; no segundo, em oposição à síntese, as figuras são abertas e podem encadear-se com outras figuras percebidas; no último momento, há uma segunda síntese, proporcionando uma continuidade ao processo de percepção, isto é, uma transitividade que efetiva o contato com a realidade. A desautorização diz respeito justamente a esta recusa da realidade, que desautoriza a percepção a ser eficaz. Em última análise, Figueiredo nos traz que este rompimento da cadeia perceptiva seria “um ataque ao poder de ligação vitalizante de Eros” (p. 65). É importante salientar que as percepções de que fala o autor provém do exterior e do interior, participando também as lembranças e fantasias, ou seja, a realidade de que fala é externa e interna. O termo *Verleugnung* é trazido por Hanns (1996) como a expressão de uma ambigüidade em relação à verdade e à mentira, a contestação da veracidade da existência do objeto: “O que é ‘desmentido’ é a própria existência do objeto”. (p. 304). A referência do emprego do termo *Verleugnung* sustenta-se no texto “Fetichismo”, em que Freud (1927/1996) expõe: “o fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menino outrora acreditou e que – por razões que nos são familiares – não deseja abandonar”. (p. 155). Freud prossegue em seu pensamento, pontuando que houve uma recusa do sujeito a tomar conhecimento de que percebera o fato de que a mulher não tem pênis. Esta recusa inscreve-se na ordem da idéia, conforme salienta Freud: a percepção permanece, porém foi investida uma grande ação para que a rejeição fosse efetivada. “É como se a última impressão antes da estranha e traumática fosse retida como fetiche”. (p. 157). Deste modo, retomando o pensamento de Figueiredo, a desautorização de que fala

corresponde a uma cisão em que o percebido – quando põe em xeque uma certeza anterior do sujeito – é interrompido em seu fluxo, isto é, não entra em uma cadeia de saber do psiquismo.

1.5 DEPRESSÃO, PERCEPÇÃO E SENTIDO

Supomos que a depressão como neurose narcísica comporta um prejuízo em relação ao vínculo com o objeto, aproximando-se da melancolia em que há um rompimento desta ligação, efetuando-se um movimento de retirada da libido do objeto. O investimento no *eu* como reação à perda e a defesa contra os efeitos da percepção da perda nos levam a propor que no estado deprimido há uma recusa que se refere ao objeto. Conforme destaca Figueiredo (2003), na desautorização da percepção a gravidade reside naquilo que chamou de segunda síntese da realidade, isto é, no terceiro momento perceptivo, em que se instaura a possibilidade de fazer ligações com os objetos, em última análise. Nesta linha, Delouya (2001) considera que justamente pelo fato de o sujeito não perceber o outro como ente separado, o estado deprimido representa uma defesa contra a ameaça de o sujeito perder-se junto com o outro: “a depressão eclode, segundo essa concepção, com a consciência de ser separado da mãe ou com a perda progressiva dela, na esteira do nascimento do sujeito – do eu - e o conseqüente reinvestimento de si”. (pp. 36-37). Pontuando que a depressão se relaciona com o lado negativo - a passividade e o próprio desamparo – do momento traumático, o estado deprimido, para Delouya, comporta uma dupla demanda: pela garantia de seus contornos e limites corporais, e pela exigência de ser provido de referências de si, que dependem do objeto. Essas referências são proporcionadas por parte do corpo da mãe, que possibilita ao sujeito o desenvolvimento de uma noção de realidade. Delouya (idem) pondera:

“Poder distinguir o hiato entre o ‘meu movimento’ (oriundo das necessidades, anseio ou mal-estar) e o do seio (e de mãe) deve-se ao caráter negativo inerente ao estado de desamparo. É este estado a condição da vivência de frustração. Dor, frustração e anseio acabam sendo, em vista do registro da experiência de satisfação com o seio, o motor de apropriação subjetiva: as apreensões cognitivas e de outros sentidos tornam-se parte de uma *consciência subjetiva* em que se diferenciam os movimentos próprios – as vivências – dos do outro em direção ao qual, e pelo qual, o bebê se orienta. Nessa montagem da representação psíquica, a dor e a frustração constituem, certamente, o divisor que delimita os conteúdos do próprio território dos do outro”. (p. 55).

A noção de que a presença da mãe aciona na criança a possibilidade de um contato com a realidade cuja impressão é inapagável nos leva a articular as idéias de Green (1988) sobre a relação especular com o objeto e as de Delouya (2001) a respeito da mãe como referência corporal. Supomos que em função da perda, na depressão constrói-se uma defesa constituída por uma recusa à ligação de amor, noção depreendida da idéia de Figueiredo a respeito da *Verleugnung* e do pensamento de Delouya sobre a ameaça de o sujeito perder-se com o objeto na depressão. Isto nos leva às questões que referem o estágio do espelho como conceito que permite descrever a relação entre *eu* e objeto, e suas implicações no narcisismo. Considerando a situação em que a criança realiza o jogo com o carretel - *fort-da* - Freud (1920/1959) descreve um movimento posterior à situação em que a mãe esteve ausente durante horas; enquanto esteve só, a criança encontrou uma maneira de fazer desaparecer a si mesma: havia descoberto a sua imagem no espelho (que chegava quase até o chão) e depois tinha se agachado de maneira que a imagem desaparecia de seus olhos, isto é, ficasse ‘fora’. No pensamento de Freud (idem) este jogo em frente ao espelho tem o mesmo ponto de contato com o jogo do carretel: a criança repete o acontecimento desagradável da ausência materna,

executando ativamente esta perda, isto é, propondo-se a expulsar o objeto que outrora a abandonara. Em um entendimento a respeito do jogo do carretel, poderíamos dizer que o abandono do objeto aconteceu depois do abandono do sujeito. Tomando a experiência pontual do espelho e a qualidade de função que esta operação comporta, Lacan (1949) inscreve o estágio do espelho como em si mesmo uma identificação, propondo que há uma “transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (p. 97). Considera que o *eu* constitui-se a partir da referência proporcionada pela imagem, que diz respeito ao *eu* ideal. A imagem que se forma, ou melhor, a imagem percebida como totalidade do corpo do sujeito, é ponto de partida para a constituição do *eu* como separado da imagem do outro. “A função do estágio do espelho revela-se para nós como um caso particular da função da *imago*, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade”. (p. 100). Lacan enuncia que o sujeito somente pode reconhecer-se em seu corpo mediante esta função especular: a imagem antecipa a representação de si. A assunção da própria imagem proporciona que o *eu* passe a identificar-se com o objeto e, a partir desta identificação, a escolha de objeto será sempre mediada pelo que há de outro no *eu*. Nesse sentido, Dolto (2004) nos chama a atenção para a idéia de que o espelho está para além de ser um estágio: é a própria assunção do sujeito em seu narcisismo; o importante, conforme ressalta a autora, é que a dimensão visual das experiências em frente ao espelho não caracteriza essa assunção: “Não é suficiente que exista realmente um espelho plano. De nada serve se o sujeito é confrontado, de fato, com a falta de um *espelho de seu ser no outro*”. (DOLTO, 2004, p. 121); isto é, torna-se essencial, para que o sujeito aproprie-se de uma representação de si, uma correspondência do outro em relação a si. Dolto prossegue, assinalando que a falta de um outro que se reflita com a criança, pode fazer com que ela se “perca” no espelho, pois é este outro que revela à criança a possibilidade de ela reconhecer seu corpo como

seu: a criança conhece a si mesma por quem lhe fala. Uma questão surge a partir da percepção da forma no espelho e a relação com a perda da referência de si na depressão: que ligação pode haver entre esta operação de construir uma referência de si mesmo mediante a percepção do outro, e a formação de uma recusa do sujeito em relação ao outro?

Neste ponto, trazemos a expressão *darstellen*, conforme qualificada por Hanns (1996): este termo, ora pode ser tomado como a capacidade de dar forma a algo indefinido, ora pode ser compreendido como mostrar a outro aquilo que foi colocado em linguagem apreensível. Segundo Hanns, *darstellen* pode, então, ser traduzido para nossa língua como representar, figurar. Esta proposição nos endereça novamente à segunda síntese, momento – ou espaço – em que se efetiva a desautorização perceptiva postulada por Figueiredo (2003): a questão da figurabilidade associa-se à formação da imagem do corpo e à assunção do sujeito como separado do outro. Conforme Dolto (2004) nos traz, a formação da imagem (do corpo) está ligada ao sujeito e a sua história: conjugada com o esquema corporal, a imagem do corpo suporta o narcisismo e permite que se entre em comunicação com os outros. Para que o sujeito perceba seu corpo como seu e, como efeito, perceba a si mesmo, é preciso que uma outra pessoa o insira na linguagem social. A partir daí, entendemos que a imagem do corpo não é o corpo; ela é o que se forma a partir da percepção da imagem e o investimento narcísico em que o *eu* é tomado como esta imagem externa. Assim, a imagem do corpo é testemunha da relação com o outro, primordialmente com a mãe.

Delouya (2001) contribui pontualmente a esse respeito, articulando percepção do corpo no espelho e depressão. Infere que além da questão fusional entre *eu* e objeto na depressão, a dimensão especular toma significação para o entendimento do estado deprimido. Enfatiza que inicialmente em fusão com o corpo da mãe, a criança está em

um universo de *sentido*. O desamparo dá notícias da realidade para o sujeito, pois é o momento da primeira diferenciação, e inscreve o sujeito na operação de *percepção*. Assim, assinala que o estágio do espelho “articula-se entre o *desamparo* da criança e a *plenitude* do outro, como se a *imagem* do outro fosse o substituto e o destinatário do apelo pelo espaço de fusão de outrora, do qual o recém-nascido foi ‘expulso’”. (DELOUYA, 2001, pp. 55-56). Deste modo, os efeitos e a operação da dimensão especular estão ligados ao contexto narcísico das inibições depressivas: o abatimento de que o deprimido queixa-se “reflete a incapacidade do sujeito de se apropriar ou de nele encontrar um *movimento* próprio”. (p. 56). No contexto da depressão, a identificação toma lugar de destaque, conforme pontuam Delouya e Green: um corte, uma interrupção no processo de identificação – seja pela ‘mãe morta’, seja pela mãe excessivamente estimulante, podem instaurar uma perturbação na animosidade, na movimentação do sujeito, e na permanência da operação de ligação aos objetos.

Na depressão, o narcisismo constitui o núcleo do funcionamento do sujeito: está ligado ao mecanismo da libido em que se fixa – conforme vimos a respeito da viscosidade libidinal – à dinâmica de investimento que marca o narcisismo, para além de uma fase do desenvolvimento psíquico. Trazendo a idéia de Figueiredo (2003) sobre a desautorização da percepção, enfatizamos o aspecto de que os elementos desencadeados, isto é, excluídos de uma série simbólica, permanecem sob o estatuto do ‘sem sentido’. A percepção, isolada da memória, por assim dizer, não produz efeitos, e isso nos remete à condição do deprimido tal como tem sido apresentada aqui: parece haver uma ausência, ou uma perturbação, no mecanismo de substituir a perda. Em outros termos, a questão da depressão como neurose narcísica articula-se a uma assunção da própria perda – a perda do *eu* – que tem como efeito um trânsito curto da libido, do *eu* para o *eu*. Isso nos endereça à concepção de Fédida (2002) acerca da

imobilidade no estado deprimido: em termos metapsicológicos, a libido reveste-se da qualidade viscosa, aderindo ao *eu* e tornando prejudicado o vínculo com os objetos de fato. O *eu*, instância permeável ao mundo externo, quando toma a função de objeto, percebe uma dupla tarefa: mediar as necessidades pulsionais e satisfazê-las como tal como o objeto empreenderia.

Recordamos a questão do recinto fechado da depressão que Fédida propõe – o encerramento no *eu* do narcisismo – e questionamos a respeito da permeabilidade do sujeito deprimido à realidade (externa). O “afeto glacial”, o “amor gelado” e a “incapacidade de encontrar um movimento próprio” (conforme Fédida, Green e Delouya) expressam uma idéia de distância e desligamento; a alteração do tempo como característica da depressão, conforme afirma Fédida, e a identificação com a ‘mãe morta’ – metáfora trazida por Green - nos levam a pensar em uma recusa, ou, talvez, uma perturbação, da mobilidade que tende à ligação de amor com os objetos. A sensação de vazio e o que Delouya nos trouxe como perda de si com o objeto, nos remetem à destituição de si na depressão, como vimos com Fédida. Por fim, a questão pontual deste texto, relacionada à depressão como neurose narcísica em que estão em evidência: o empobrecimento do *eu*, a insuficiência para efetivar novos vínculos com objetos e a incapacidade de conservá-los na fantasia. Estes aspectos nos levam a entender que no estado deprimido a organização psíquica diz respeito a um prejuízo na percepção de si próprio, perturbação esta mediada por uma recusa à ligação de amor com o outro, estabelecendo-se a noção nuclear do narcisismo como encerramento em si mesmo na depressão. Entretanto, este fechamento em si associa-se a uma noção de defesa em relação ao investimento nos objetos, tanto no que se refere a novos vínculos, como à restituição dos objetos na fantasia. Tendo em consideração que a regressão ao

narcisismo contempla o *eu* na função de objeto, propomos tecer relações que abranjam o tema do restabelecimento dos objetos na fantasia na depressão como neurose narcísica.

CAPÍTULO 2

ORGANIZAÇÃO NARCISISTA E TEMPORALIDADE

No capítulo anterior, trouxemos a idéia de que no mecanismo psíquico da depressão há um prejuízo na vinculação com os objetos e um mecanismo defensivo que se refere à recusa de investimento de amor. Sugerimos que alguns aspectos da depressão aparecem na fala do sujeito deprimido em uma conotação negativa como: as expressões ‘vazio’, ‘desânimo’ e ‘solidão’, que transmitem as idéias de que o sujeito mantém-se alheio às suas experiências, sente-se aniquilado e incapaz de estabelecer uma ligação de amor. Tendo em vista a idéia de que na neurose narcísica, o investimento libidinal restringe-se ao *eu*, compreendemos que existe uma incapacidade de restabelecer o vínculo com o objeto. Assim sendo, endereçamo-nos questionamos a respeito da construção do objeto na fantasia no estado deprimido. De forma que no estado deprimido supomos um isolamento – que ecoa na expressão empregada por Fédida (2002) “recinto fechado da depressão” – percebemos que a tônica recai sobre impressões negativas: a condição do sujeito deprimido corresponde à idéia de ausência. A partir destas exposições, procuramos articulações que nos auxiliem a construir caminhos para a relação entre fantasia e depressão para auxiliar no construto que propomos sobre a depressão como neurose narcísica. A questão da temporalidade na depressão insere-se aqui associada à idéia de perturbação da noção de tempo, que se relaciona com uma indisposição psíquica à percepção da perda como fato passado. Entendemos que na depressão a referência à perda é presentificada no sujeito, tornando-se ele mesmo a própria ausência, a propósito da idéia de vazio. Para construirmos articulações entre perda e temporalidade, restauração do objeto na fantasia e narcisismo, o percurso a ser tomado

passa pelos temas da fantasia, da angústia e da pulsão de morte. Estes dois últimos pontos inscrevem-se no entendimento de que a angústia refere-se a uma antecipação da perda, e a pulsão de morte, ao retorno a um estado anterior e ao desligamento dos objetos. Propomos que a fantasia proporciona uma proteção ao psiquismo, no sentido de preservar o *eu* de um rompimento com a realidade em que o objeto de amor foi perdido.

2.1 NARCISISMO E FANTASIA

Freud traz o tema das fantasias em diversos momentos de sua obra, localizando-o no centro das produções psíquicas, compreendendo as fantasias em dois sentidos: como impressões que se figuram em imagem, e como fantasias inconscientes, que se constituem, na descrição metapsicológica, representações a partir do recalque. Consideramos importante esta distinção que trazemos de Laplanche e Pontalis (1985) recortada da obra de Freud: as fantasias inconscientes e conscientes constituem realidades diferentes; as primeiras constituem o conteúdo primário dos processos inconscientes; as segundas, as imaginações conscientes, cujo modelo é o devaneio – as ilusões diurnas. Freud (1900/1959) propõe que a relação da fantasia com o sonho reside na idéia de que o núcleo da produção do sonho é constituído pelas fantasias sob influência do *eu*, que colabora na atividade de sonhar com a censura onírica – a deformação – e o desejo de dormir. Afirma que “o sonho é o guardião do sono e não seu perturbador” (idem, p. 310) e assim sinaliza um importante caminho para um entendimento da relação entre *eu* e fantasia: o sonho preserva o psiquismo da recepção de estímulos externos, e da perturbação do psiquismo pelos estímulos internos. De acordo com a correspondência entre fantasia e sonho, supomos que a fantasia tenha

também uma função de preservar o *eu* dos efeitos da sua relação com o mundo externo, e sugerimos que seria especialmente com os objetos.

Posteriormente, Freud (1908a/1959) afirma que as fantasias e os sonhos constituem produções psíquicas que realizam desejos, e considera que na atividade de brincar, é criado um mundo próprio pela criança, “colocando as coisas de seu mundo em uma ordem nova, agradável para ela”. (Freud, 1908b/1959, p. 116). Pontua que a diferença entre brincar e fantasiar está no apoio em objetos que podem ser tocados e visíveis; o adulto cessa de brincar e substitui esta atividade pela de fantasiar, trocando o prazer do divertimento infantil pelo de fantasiar. A atividade de fantasiar configura-se, assim, como uma tentativa de retificar a realidade, dispensando objetos concretos nas construções ilusórias da fantasia, satisfazendo a necessidade através de um retorno a épocas prazerosas. Freud (1911/1959) pontua que a manutenção da satisfação em objetos sexuais imaginários substitui a satisfação em objetos reais nos conduz à idéia de que a fantasia é uma tentativa de retorno à satisfação auto-erótica: um investimento em uma realidade criada pelo psiquismo para a obtenção de satisfação. Buscando investigar “o problema da origem e do papel desta atividade espiritual que tem por nome ‘fantasia’” (p. 418) Freud (1917c/1959) constrói o pensamento de que o ser humano procura adaptar seu comportamento ao princípio da realidade, pois se desenvolve em contato com a necessidade do mundo exterior e sob sua influência. O sujeito vê-se obrigado a “renunciar, provisória ou duradouramente, a diferentes objetos e fins de suas tendências hedônicas, inclusive a tendência sexual”. (p. 418). A renúncia ao prazer não é efetivada sem uma compensação: a fantasia constitui uma atividade psíquica em que a possibilidade de obter prazer permanece preservada e a salvo das exigências da realidade. A atividade de fantasiar supõe, assim, uma garantia ao sujeito da fruição do prazer a que teve de renunciar para se desenvolver: consiste em um terreno psíquico

seguro em que as necessidades são satisfeitas. Freud (idem) traz uma interessante analogia da fantasia com a figura da reserva natural:

“A criação do reino psíquico da fantasia encontra sua completa analogia na instituição de ‘reservas naturais’ nos lugares onde as exigências da agricultura, das comunicações, da indústria, ameaçam transformar, a ponto de torná-lo irreconhecível, o aspecto primitivo da terra. A reserva natural perpetua esse estado primitivo que fomos forçados, muitas vezes a contragosto, a sacrificar em todas as outras partes à necessidade. Nestas reservas, tudo deve brotar e desabrochar sem constrangimento, tudo, mesmo o que é inútil e nocivo. O reino psíquico da fantasia constitui uma reserva deste gênero, subtraída ao princípio da realidade”. (Freud, 1917c/1959, p. 418-419).

No terreno da fantasia predomina o princípio do prazer: isto fica evidente na percepção de Freud (1911/1959) em que “nossos sonhos noturnos e nossa tendência geral a esquivar-nos às impressões penosas são resíduos do regime deste princípio e provas do seu poder”. (p. 322). Como vimos com Freud (1916/1959), na melancolia, a questão do empobrecimento do *eu* associa-se ao fato de o melancólico não conseguir restabelecer o vínculo com o objeto, visto que na realidade este está perdido. Porém, chama-nos a atenção a afirmação de que tampouco na fantasia o sujeito vincula-se ao objeto. A partir da sugestão que a fantasia funciona como protetora do psiquismo e que preserva o *eu* de um rompimento com a realidade, buscamos articular uma relação entre fantasia e narcisismo. Tendo em vista que aproximamos melancolia e depressão, questionamos a respeito da função da fantasia no estado deprimido em que sugerimos um rompimento com o objeto e um isolamento do sujeito, pela regressão da libido ao *eu* que caracteriza o narcisismo.

2.2 FANTASIAS – CONSTRUÇÃO, VESTÍGIO E RETORNO

Para Freud (1924c/1959) a neurose tem como característica evitar uma parte da realidade, procurando uma espécie de proteção, encontrada na fantasia, que constitui uma criação do *eu* na busca da resolução do conflito em que o prazer não pôde ser obtido. A perda da realidade na neurose é apontada por Freud (*idem*) como procedente do fracasso do recalçamento, que tem como resultado um “afrouxamento da relação com a realidade” (p. 346), efetivando-se uma reação contra este insucesso. A formação de fantasia na neurose possibilita uma “[...] regressão a épocas reais anteriores mais satisfatórias” (p. 349) e conduz à formação de novos desejos. Nas neuroses narcísicas, nas quais inscrevemos a depressão, entendemos que o narcisismo também constitui uma maneira de regredir a períodos anteriores em que havia uma garantia de satisfação. Entretanto, o fato de ser o *eu* o único objeto de onde provém satisfação, revela um afastamento da realidade objetiva – externa - um afrouxamento que se associa ao que se refere Freud (*idem*) na neurose. Laplanche e Pontalis (1985) trazem um estudo sobre as fantasias originárias, entendidas como “essas cenas dos tempos originários, essas cenas verdadeiras” que constituem um espaço para a representação do coito parental supostamente assistido pela criança. As fantasias originárias “reportam-se às origens”, nos sinalizam os autores, que trazem um importante esclarecimento a esse respeito:

“Na cena primitiva, é a origem do indivíduo que se vê figurada; nas fantasias de sedução, é a origem, o surgimento, da sexualidade; nas fantasias de castração, é a origem da diferença dos sexos. Em seus temas, encontra-se, portanto, significado de forma redobrada, o estatuto de ‘já existente’ das fantasias originárias”. (p. 60-61).

Os autores sugerem que as fantasias originárias tendem a representar e a solucionar enigmas que surgem para a criança – mistérios que lançam questões sobre a história, a origem e o surgimento - como construção que explique e dê sentido ao que ainda não tem representação. Assim, ainda que representem e figurem questões desconhecidas, torna-se claro que existe algo anterior revestido pelas fantasias. A figura da fantasia como “reserva natural” traz a idéia de um tempo em que a satisfação pulsional encontrara representação, um lugar em que o sujeito encontra-se com sua origem. O mundo das fantasias, para Freud (1924c/1959) corresponde a um terreno isolado:

“(...) um domínio que no tempo de instauração do princípio da realidade foi separado do mundo exterior, sendo mantido à parte desde então, como uma espécie de atenuação das exigências da vida e, ainda que não resulte inacessível ao ego, somente conserva com este uma relação muito frouxa.”
(Freud, 1924c/1959, p. 349).

Nas neuroses, a construção de fantasias assume característica de realidade psíquica que se opõe a material, dos objetos, e é apontada por Freud (1917c/1959) como “o papel dominante” no psiquismo (p. 415). Na formação de sintomas neuróticos, Freud (1917c/1959) assinala que “os objetos e direções abandonados não são completamente abandonados; esses objetos e direções, ou seus derivados, persistem ainda com certa intensidade nas representações da fantasia”. (p. 419). Estas representações são para Freud (idem) objetos imaginários, e atraem um grande investimento de libido, que regride até as fantasias. Os objetos da fantasia recebem uma grande carga de energia a ponto de ser possível que realizem a satisfação: as representações tornam-se, pela ação do recalque, “entregues à atração do inconsciente” (p. 422), para onde se volta a libido – “às suas origens no inconsciente, aos seus próprios pontos de fixação”. (idem).

2.3 AUSÊNCIA, ANGÚSTIA E FANTASIA

Considerando a noção de que o investimento na fantasia constitui um retorno a épocas prazerosas sob o registro do princípio do prazer, como um território que substitui a realidade insatisfatória, entendemos que a produção de fantasias tem em seu mecanismo um caminho para a satisfação pulsional. A noção de regressão da libido ao *eu* na neurose narcísica sugere um afastamento da satisfação provinda do investimento nos objetos pela função de objeto que toma o *eu*. Compreendendo que a produção de fantasias abarque a função de mediar a satisfação pulsional, aproximamos esta noção à idéia de Freud (1911/1959) de alucinação do objeto, em que “a criança alucina o cumprimento de suas necessidades internas” (idem, p. 322) proporcionando a si uma “satisfação alucinatória”, o que evidencia a oposição entre realidade psíquica e material. Pontua que a alucinação do objeto ausente é uma construção que visa à satisfação, assim como a produção de fantasias. Trazemos a consideração de Freud (1925/1959) sobre a angústia como reação: destaca que a angústia da perda do objeto reproduz a angústia do nascimento, situação que é em si traumática. Nesse sentido, concebe que a angústia traduz uma antecipação da ausência do objeto: a criança sinaliza angústia quando percebe o perigo da ausência da mãe. Concebido como uma situação ameaçadora para a conservação da vida, o trauma do nascimento refere-se a um perigo que não tem um conteúdo que o represente no psíquico; por isso, a conotação traumática. Freud esclarece como uma percepção da ausência do objeto, a angústia é elevação da excitação que acontece antes que chegue a se estabelecer o aumento da necessidade. O sinal de angústia surge como antecipação: é um “prelúdio da carga de objeto”. (p. 270), revelando uma relação com a espera. A angústia *diante* de alguma coisa é um sinal da

iminência de um perigo para a realidade psíquica frente à interpretação da ausência do objeto. Freud (1925/1959) nos faz pensar na questão entre tempo e ausência quando considera que a criança experimenta angústia, por não ter ainda um discernimento da amplitude da permanência do objeto: entre a ausência e o aparecimento do objeto, a perda é supostamente definitiva. Nesta linha, Freud (idem) esclarece que a perda da percepção equipara-se à perda do objeto. Considera que a percepção do objeto e do tempo da satisfação constitui função do *eu*: por ter contato com o interno e o externo, o *eu* consiste no lugar da angústia, de onde envia sinais para as demais áreas do psiquismo.

A angústia frente à perda do objeto surge, então, como antecipação da perda do objeto percebida pela criança. Isso nos leva a pensar na relação entre angústia e espera em que se instaura a alucinação do objeto como satisfação da necessidade que a presença do objeto possibilita. Entendemos a noção de alucinação do objeto como materialização do objeto ausente, e a fantasia como realização de desejos; sugerimos, assim, que a fantasia possibilita uma representação do objeto, evitando o surgimento da angústia. Deste modo, concebemos que a fantasia articula-se à temporalidade no sentido de que sua produção origina-se a partir da insatisfação, e constitui em si mesma uma realização de desejos. A fantasia localiza-se no espaço entre a necessidade pulsional e sua satisfação. Significa dizer que conforme propusemos, a fantasia pode ter uma função reguladora de satisfação pulsional, tomando um sentido de tornar presente o objeto e de representar o que surge ao psíquico como quantidade de excitação inicialmente sem descarga.

2.4 FANTASIA E TEMPORALIDADE

Retomando a questão da depressão, Fédida considera uma referência à angústia de perda do objeto, porém esta perda reside no domínio da fantasia: é a ausência do objeto de amor que nutre as fantasias, constitutivas da capacidade depressiva. A perda do objeto e a sua recomposição como produção alucinatória constituem o que Fédida nomeia “capacidade depressiva” ou “depressividade”, concebida como dispositivo psíquico regulador da temporalidade. Sugerimos que a necessidade desencadeia a produção de uma representação psíquica, no intuito de satisfazer a demanda pulsional, evitando assim o surgimento da angústia. Supomos que a presença do objeto na fantasia proporciona ao sujeito uma organização do tempo da perda, no sentido de que a fantasia como vestígio dá notícias do objeto perdido e, ao mesmo tempo, presentifica o objeto na realidade psíquica. Trouxemos o enunciado de Freud (1917c/1959) sobre a fantasia como reserva natural que perpetua o estado primitivo ao qual o sujeito foi obrigado a abdicar em função da realidade. Retomando o pensamento de Freud (1908b/1959) em que o brinquedo e as fantasias rearranjam a realidade e satisfazem desejos, concebemos que no espaço entre o desejo e a satisfação, as fantasias constituem uma via de satisfação parcial que supõe a garantia de satisfação localizada em épocas anteriores. A parcialidade da satisfação corresponde ao modo do auto-erotismo, em que o prazer pode ser obtido imediatamente. Nesse sentido, Fédida (2002) infere que o auto-erotismo da fantasia significa a capacidade de a fantasia transformar o lugar do prazer, e é a única forma segundo a qual se pode pensar a depressividade como constitutiva do psiquismo: define a capacidade depressiva como a “constituição da experiência da perda e da transformação da vivência interior por ela”. (p. 28). No pensamento de Fédida (idem) a depressividade corresponde a uma forma de o psiquismo reajustar-se a sua

temporalidade, ao tempo da *construção de si* em relação à perda. Pontua que um bloqueio da temporalidade da vida psíquica instala-se na depressão: passado, presente e futuro são afetados por este cerceamento, assim como a noção de tempo referente ao cotidiano. Assinala também que a destruição da capacidade auto-erótica e a ameaça de separação são figuras presentes na depressão. Supomos, deste modo, que na depressão há uma perturbação que se refere ao tempo de recompor o objeto perdido. Fédida pontua que a fantasia protege o sujeito da recordação do fato vivido, tornando inacessível a lembrança da cena supostamente traumática. Reproduzimos a importância da questão do tempo no estado deprimido para Fédida (*idem*), em que o núcleo é a dificuldade de “restituir a morte, de se colocar temporalmente em sua história, de readquirir a capacidade depressiva” (p. 65). A depressão consiste, para Fédida, na doença do tempo e do fechamento em si próprio.

A temporalidade pode ser pensada também como adiamento da satisfação pulsional, em que se insere a fantasia como organizadora da satisfação e, com efeito, do tempo da perda. A questão do adiamento nos endereça à idéia de princípio da realidade, que força o psiquismo a adiar a consecução de prazer. Esta concepção de psiquismo evidencia uma temporalidade no próprio funcionamento psíquico, em que a tendência ao prazer remete à satisfação imediata, e o princípio da realidade, ao retardamento do tempo do prazer, em que a pulsão busca outros caminhos para o escoamento. Isso nos remete à relação dos dois princípios do psiquismo – do prazer e da realidade – com o funcionamento do *eu*, sobre o que Freud (1911/1959) infere: o *eu* evolui do princípio do prazer, em direção ao princípio da realidade, e as pulsões (sexuais) passam por modificações desde sua origem no auto-erotismo primitivo até o amor objetal. Em outro momento, Freud (1917b/1959) considera que a passagem do princípio do prazer para o da realidade constitui um dos progressos mais importantes na evolução do *eu*. A

renúncia à satisfação imediata, adiando a aquisição de prazer - a “educação do eu”, conforme aponta (p. 398) - corresponde à adaptação ao princípio da realidade, que igualmente tem por fim o prazer.

A busca pela satisfação imediata articula-se à concepção de pulsão de morte como um dos pólos pulsionais que se contrapõe ao que tende à vida pela ligação aos objetos. A idéia de que na depressão a organização narcisista pressupõe a regressão da libido ao *eu* nos faz entender que, pelo fato de o próprio *eu* ter a função de objeto, torna-se prejudicada a mediação pulsional que os objetos possibilitariam, sejam estes constituídos na realidade objetiva ou na fantasia. Isso nos permite compreender que na depressão a questão do investimento narcísico corresponde à noção de pulsão de morte cujo caminho é o da satisfação imediata. Retomando a questão a respeito da possibilidade de restauração dos objetos na fantasia no estado deprimido, e considerando que supomos uma alteração na temporalidade da perda – organizada pela fantasia – questionamos acerca da relação entre pulsão de morte e narcisismo na depressão.

2.5 DEPRESSÃO E PULSÃO DE MORTE

Freud (1920/1959) introduz o tema da pulsão de morte a partir do reconhecimento que o princípio da vida psíquica busca diminuir, tornar constante ou cessar a tensão das excitações – o princípio do nirvana. A nivelção das tensões corresponde à morte do indivíduo para Freud, e, no outro extremo, a elevação das mesmas é proporcionada pela fusão que procede da procriação, função sexual. Anteriormente concebida como uma oposição entre tendências do *eu* e sexuais, a dualidade pulsional é reorganizada por

Freud, que nomeia e conceitua as pulsões segundo a tendência à vida e à morte. A pulsão de morte pode ser compreendida segundo as qualificações: a compulsão à repetição; o retorno ao inorgânico – também ligado à repetição de um estado anterior; e o desligamento, associado à recusa de ligação aos objetos. No que concerne à depressão, a questão da pulsão de morte evidencia-se nas idéias de retorno ao inanimado e de recusa à ligação aos objetos. Na melancolia, Freud (1916/1959) considera haver uma “subestimação da pulsão que força tudo o que é animado a se manter em vida” (p. 493), o que se aproxima da *sensação de aniquilamento* como elemento marcante na depressão, descrita por Fédida (2002):

“Essa sensação quase nem chega a ser um afeto que se experimenta e parece muito distante da percepção de um sofrimento vivido pelo sujeito. Ela se aparenta mais a uma imobilização, um impedimento de se sentir os menores movimentos da vida interna e externa, à abolição de qualquer devaneio ou desejo”. (2002, p. 09).

A idéia de imobilização, a ausência de desejo e a noção de não poder sentir os movimentos vitais nos levam ao entendimento de que há um desinvestimento do sujeito no que se refere à própria vida, o que nos remete à noção de pulsão de morte como retorno ao inanimado. Da mesma forma, a eliminação do desejo traz implícita a idéia de que o deprimido nada espera, pois não há necessidade a ser satisfeita. Isso ecoa a fala do deprimido referida como esvaziamento, o que torna marcante a idéia de que há uma impossibilidade de o sujeito apropriar-se de si e de sua história e, efetivamente, de suas perdas, a que todos estão sujeitos desde o nascimento, conforme elabora Freud (1925/1959). Para Fédida (2002) a forma de depressão inerente à vida psíquica – conceituada como depressividade - garante equilíbrio, proteção e regulação ao

psiquismo; no entanto, sugere que o estado deprimido “[...] representa uma espécie de identificação com a morte ou com um morto”. (p. 14). Ressalta que no trabalho com pacientes deprimidos revela-se um recalçamento que se refere a uma “*morte desapercibida*”: na maior parte dos deprimidos, Fédida refere uma morte de alguém próximo, que desencadeara o luto. Fédida (idem) pontua que o estado deprimido busca a conservação do morto, mimetizando uma tumba: “Quando os humanos estão deprimidos, eles podem se tornar tão glaciais e imóveis quanto as próprias tumbas”. (p. 89) este lugar vazio e rígido que só é preenchido pela morte. No capítulo anterior, trouxemos a idéia de Green (1988) a respeito da identificação do sujeito com a mãe morta, da qual se depreende a noção de mimetização da ausência. Para Freud (1913/1959) a morte é não mais que um morto: é imagem do corpo imóvel e silencioso. Entende a morte como desconhecida para o inconsciente, que “desconhece tudo o que é negativo” (1915 d/1959, p. 230) e cuja composição o torna inacessível à representação da própria morte. Esta noção de que a morte é inimaginável corresponde ao vazio psíquico na depressão, conforme assinala Fédida: o deprimido preenche o vazio do pensamento com a morte “por não conseguir ser assumida por um sonho” (2002, p. 109) e infere que a questão da imobilidade na depressão – dos afetos, do corpo e do tempo – dá notícias de uma “constituição psíquica de um túmulo para o outro no corpo”. (p. 107). O deprimido pode ser figurado como alguém que guarda o morto para se manter vivo, conforme pontua Fédida (idem): a depressão é uma tentativa de *conservação* do vivo, que impõe uma glaciação dos tempos psíquicos da vida ameaçadora por sua exigência à mobilidade. Compreendemos, assim, que o deprimido traz em si uma conservação do inanimado e uma recusa a Eros como ligação aos objetos e à vida. Neste sentido, para Freud, a pulsão de morte teria como propósito “fazer retornar tudo quanto é orgânico e animado ao estado inanimado, em contraposição ao Eros”. (Freud,

1920/1959, p. 200). Consideramos importante destacar que Freud (idem) concebe ambas as pulsões como movimentos conservadores, tendendo à restituição de um estado que fora perturbado pela origem da vida, “que seria a causa, tanto da constituição da vida, como da tendência para a morte”. (p. 200). A vida, para Freud, seria um combate e um acordo entre estas duas forças em que Eros e pulsão de morte combinam-se. Enquanto a pulsão de morte associa-se à fixação e à regressão, a propriedade das pulsões de Eros está na mobilidade da libido que as conduz. Afirma que uma das funções do aparelho psíquico é a compulsão à repetição, que corresponde a um processo primitivo de manifestação da inércia, descrita no sentido de conservar o inanimado e reconstituir o passado, conforme salienta:

“Se, como experiência, sem exceção alguma, tivermos de aceitar que todo ser vivo morre por fundamentos *internos*, voltando ao inorgânico, poderemos dizer: ‘*A meta de toda vida é a morte*’. E, com igual fundamento: ‘*o inanimado existia antes do animado*’”. (1920/1959, p. 544)

A extinção do devaneio ou desejo como marcas da fascinação pelo estado morto na depressão, segundo Fédida (2002) revela a sensação de aniquilamento e aparência de imobilidade no estado deprimido. O congelamento dos afetos e a perturbação da noção de tempo fornecem para o sujeito uma espécie de proteção, em negativo, contra a vida da qual são inerentes: a referência de tempo possibilitada pela necessidade pulsional, a mobilidade psíquica para a ligação de amor e a morte como tendência psíquica. Nesta linha, Freud (1920/1959) enfatiza que temos de fazer força para nos manter vivos, e nesta animação em direção à vida subsiste o movimento em direção à morte.

Levando em consideração a noção de depressão como figuração do morto, no que se refere ao prejuízo da mobilidade do tempo psíquico e do investimento nos objetos; a

questão do funcionamento narcísico na depressão nos leva a crer que o estado deprimido está associado à idéia de desligamento dos objetos e de dificuldade de restauração dos mesmos na fantasia. Conforme trouxemos anteriormente com Figueiredo (2003) a desautorização no mecanismo da percepção significa um rompimento com a conexão de Eros, isto é, em algum momento o produto da percepção isola-se de uma cadeia de sentido e permanece sem representação. Green (1988) assinala que o refluxo narcisista configura-se “um refúgio precário, mas protetor na auto-idealização” (p. 157) para onde se investe o sujeito ante uma intensa decepção com o objeto: neste caso, a depressão é desencadeada por uma decepção com seu ideal tornado objeto, como uma saída encontrada pelo *eu* ante a decepção. Talvez isso encontre uma significação na expressão “amor gelado” de Green (1988) e “afeto glacial” de Fédida (2002): no sentido de que a depressão possa simular um retorno a um estado glacial com o qual o psiquismo protege-se “contra o que o vivo da vida tem de traumático” (Fédida, 2002, p. 34) corresponde a um “estado de regressão” (idem) a um lugar que preserve a vida. O narcisismo como dispositivo que efetiva esta regressão implica o prejuízo da conexão de Eros e da efetiva representação do objeto na fantasia.

Consideramos que tempo e fantasia associam-se em relação ao desejo, que aqui concebemos como necessidade de satisfação: Freud (1908b/1959) localiza a percepção do momento presente como ponto de partida para a recordação de um acontecimento passado. O desejo, alicerçado em satisfações anteriores, pode ser despertado pela lembrança da situação em que fora satisfeito; surge, assim, a fantasia como referência ao futuro, como satisfação do desejo anteriormente atendido: a fantasia contém em si as impressões da satisfação, da situação e da lembrança. Freud (idem) conclui: “Desta forma, portanto, o passado, o presente e o futuro aparecem como entrosados no fio do desejo que passa através deles”. (p. 120). Compreendemos que a fantasia é uma

realização de desejos, como também a possibilidade de antecipação da satisfação, estabelecendo com esta uma relação temporal. A fantasia dá notícias de um movimento de retorno à satisfação, como um dispositivo que funciona entre o desejo e a satisfação. A idéia de que a fantasia tenha um protótipo na alucinação do objeto conecta-se com a concepção de angústia: como efeito da ausência do objeto, a angústia como reação à ausência do amor do objeto torna a construção de fantasias que, por sua vez, materializam como realidade psíquica o objeto perdido, produzindo satisfação. A relação entre fantasia e angústia proporciona ao psiquismo uma referência de tempo em função do desejo e da variação do objeto: construir o objeto na fantasia possibilita ao sujeito a temporalização da perda ao transpor a ausência para o passado. Como via de escoamento pulsional, a fantasia pode, então, proteger o sujeito da angústia de não ter satisfeitas suas necessidades, reorganizando o funcionamento da angústia frente à espera de satisfação. A fantasia configura-se, assim, como uma construção satisfatória por meio de um retorno a um estado em que o prazer e a satisfação estiveram preservados: uma possibilidade de perpetuação da ligação de Eros, rompida pela perda do objeto de amor.

Na neurose narcísica, o narcisismo como mecanismo que se refere a uma recusa à ligação de amor com os objetos por meio do isolamento em si mesmo supõe uma alteração psíquica na produção de fantasias. Contra este suposto impedimento de investimento na fantasia, a depressão pode ser entendida como dispositivo de proteção contra a perda de amor e da referência de si próprio. Compreendemos que no estado deprimido a ligação com o outro representaria uma ameaça de desintegração de um *eu* estruturado de forma a não considerar a existência do outro. A fantasia supõe a criação do objeto, e mesmo a conservação dele, constituindo uma compensação psíquica que tem como efeito proporcionar uma proteção ao *eu* no sentido de impedir que se

desintegre e se perca junto com o objeto com o qual se identifica. A questão do prejuízo do vínculo com o outro e com o objeto na fantasia na neurose narcísica nos leva a questionar sobre as possibilidades de o deprimido empreender-se em um trabalho de análise e de entrar em transferência.

CAPÍTULO 3

NARCISISMO E TRANSFERÊNCIA

O trabalho na clínica psicanalítica com deprimidos direciona-nos para a discussão a respeito da transferência como elemento fundamental do método analítico. Procuramos articular uma correspondência entre narcisismo e o conceito de transferência, considerando como pontos principais: a organização psíquica em que o *eu* toma a função de objeto, o prejuízo no estabelecimento de vínculos, a *negativa* como dispositivo de defesa e a pulsão de morte. Tomando o narcisismo como conceito de destaque no entendimento da depressão como neurose narcísica, buscamos articulações que abarquem as questões do estado deprimido, buscando saídas para a efetividade da psicanálise com pacientes deprimidos.

3.1 NEUROSES DE TRANSFERÊNCIA E NARCISISTAS

O conceito de transferência é central para Freud (1910b/1959), sobre a qual entende uma relação especial do paciente com o analista: como uma relação de objeto, consiste no “meio auxiliar mais poderoso do tratamento e desempenha no dinamismo do processo de cura um papel de extrema importância”. (p. 407). Quando explora o tema das neuroses de transferência, Freud (1912b/1959) destaca que as impressões infantis determinam em cada pessoa o modo predominante de funcionamento pulsional e a conseqüente relação da libido com os objetos eróticos. Esclarece que “o mecanismo da transferência é explicado com sua referência à disposição da libido, que permaneceu fixada às imagens infantis.”. (p. 533). A transferência evidencia-se logo no início do

tratamento, e “representa durante algum tempo a mola mais sólida do trabalho”. (Freud, 1917g/1959, p. 499). Para Freud (idem) o tratamento analítico “tem por objeto a própria transferência” (p. 510), e confirma que é tomando a transferência como ponto de partida que se torna possível criar “novas edições dos antigos conflitos” (p. 512) tendo como objetivo chegar a soluções distintas das anteriormente produzidas. Assim, no pensamento de Freud, a transferência consiste em um artifício em que uma situação conflitiva é provocada, estabelecendo-se uma ‘doença no lugar da doença’ que fora motivo da busca pelo tratamento. Nesta linha, compreendemos que somente despertando uma neurose no tratamento, é possível efetivar-se uma modificação psíquica, alvo a que visa a psicanálise freudiana. Para Freud (1917h/1959) o método analítico assemelha-se a um procedimento cirúrgico, em que se procura chegar à raiz dos sintomas, constituindo um trabalho de superação de resistências internas do paciente.

A instalação de uma neurose que se atrela ao tratamento tem a função de substituir a neurose anterior, o que, conforme considera Freud, possibilita uma transformação de sentido dos sintomas: a “neurose de transferência” (1917g/1959, p. 501) indica a transferência como veículo para a expressão das psiconeuroses de defesa – histeria e neurose obsessiva – e das neuroses de angústia, como quadros psicopatológicos distintos das neuroses narcísicas. Deste modo, destaca que a transferência é comum a todas as pessoas, porém torna-se um recurso importante no tratamento analítico pela centralidade e intensidade em que participa nas neuroses de transferência, das quais se excluem as narcisistas, ainda que constituam também neuroses de defesa. Freud (1917b/1959) refere-se à neurose de transferência como uma “nova camada que vem se sobrepor à afecção antiga, ocupando o centro” (p. 501) e postula que a facilidade de acesso à transferência é uma prerrogativa das neuroses de transferência, sendo a histeria

e a neurose obsessiva representantes destas neuroses. Nas neuroses de transferência, Freud (1917g/1959) aponta que há uma intensificação da faculdade de concentrar energia libidinal nos objetos – de entrar em transferência, pois o dispositivo transferencial como ligação aos objetos associa-se a experiências iniciais da vida psíquica em relação aos objetos, núcleo das neuroses. Em sua prática analítica, assinala que tanto nas neuroses de transferência como nas narcísicas, a resistência fazia-se presente em análise; entretanto, percebe que “[...] uma das condições que pareciam limitar eventualmente a ação psicanalítica era precisamente tal conduta narcisista do paciente” (Freud, 1914a/1959, p. 245). Assim, estabelece que:

“Nas neuroses narcísicas, a resistência é insuperável; podemos no máximo lançar um olhar curioso por cima do muro, para espiar o que se passa do outro lado. Nossos métodos técnicos devem, pois, ser substituídos por outros, e ignoramos ainda se conseguiremos operar esta substituição”. (1917f/1959, p. 475).

Por conseguinte, entendemos que para que se efetive a transferência, é preciso haver uma disposição para o investimento nos objetos, e compreendemos que o analista seria um representante de um objeto. A partir deste ponto, buscamos delinear possibilidades para a instalação da transferência nas neuroses narcísicas, visto que a dificuldade em relação à transferência nestes casos localiza-se na fixação da libido no objeto primitivo que é o *eu*, dinâmica esta que prejudica o vínculo com os objetos. Procuramos também compreender em que pontos podem se configurar dificuldades para a instalação da transferência nestas neuroses, pois esta é considerada, de início, particularidade da histeria, da neurose obsessiva e da neurose de angústia.

3.2 A RESISTÊNCIA AO OUTRO

A questão da orientação da libido para os objetos supõe e requer uma mobilidade libidinal: vimos, anteriormente, que a noção do investimento narcísico nas neuroses narcisistas dá notícias de que está se sobrepondo na vida psíquica uma viscosidade libidinal que, conforme pontuaram Laplanche e Pontalis (1992) associa-se à aderência da libido a certos objetos e direções – em detrimento da livre mobilidade, como propriedade da libido que favorece a mudança de objeto em que se investe. Nos funcionamentos narcisistas, a dinâmica que se instala aponta para a retirada da libido dos objetos para o *eu*. Vimos com Freud que o narcisismo constitui uma fase do desenvolvimento do *eu*, e também a inauguração de um modo de relação com o objeto; o narcisismo aponta para um tipo de organização em que o *eu* é “ele próprio objeto erótico”. (Freud, 1914a/1959, p. 258). Freud (1917h/1959) enfatiza que a provocação da neurose de transferência tem como caminho o resgate da libido, até então fixada nos objetos primitivos. Isso tem por finalidade restabelecer uma unificação psíquica do investimento erótico; assim, o analista provoca a atualização do conflito, tornando-se objeto, nomeado por Freud “objeto provisório” (p. 512). Deste modo, abre-se a possibilidade de executar a tarefa a que se propõe a análise: liberar a libido de suas fixações e colocá-la a serviço do *eu*, porta de acesso à realidade e aos objetos externos.

Nas neuroses narcísicas o fator que se destaca é a resistência ao acesso ao outro, pela fixação da libido no *eu*. Celes (2005) propõe a idéia de trabalho de alteridade na psicanálise com as demandas contemporâneas, em que se inscrevem as organizações narcisistas. Refere que “o que mantém tais estados é a desconsideração pelo outro, a sua inadequada ou insuficiente constituição, ou mesmo sua ‘ausência’ nas estruturas subjetivas” (p. 1031). Coloca em questão que a diferença do outro – do analista em sua

singularidade, dando notícias de uma alteridade – não se reduz ao lugar de objeto originário, delineando-se aí o limite da transferência no ponto em que não há interpretação que se possa efetivar. Considera que a alteridade do analista possibilita que seja dado um sentido a que a interpretação da transferência propunha-se; deste modo, o trabalho de alteridade torna-se parte da interpretação, pois se propõe a dar sentido e significação ao outro como diferente do sujeito. Compreendendo que nos casos narcisistas há uma resistência apoiada em uma espécie de recusa ao outro como objeto de investimento, entendemos que a capacidade de estabelecer novos vínculos e a vivificação das situações anteriores (a questão da repetição em transferência em Freud) dependem da disposição do *eu* que, nos casos narcisistas, limita-se a um funcionamento precário. Havendo uma dificuldade à instalação da transferência como reedição da relação com os objetos originários, questionamos sobre o jogo de forças que age nas condições narcisistas, para que haja uma resistência insuperável, tomando esta noção como impossibilidade de investimento libidinal no outro - e no analista. Seguindo esta linha, Freud confirma que os sentimentos carinhosos ou hostis pelo analista não são produzidos pela situação atual, mas reproduzem situações anteriores. Esta segunda edição de acontecimentos diz respeito ao conteúdo recalado, revivido na transferência; Freud (1914b/1959) destaca que o analisando não se recorda de nada do esquecido recalado, mas o vive de novo: “Não reproduz como lembrança, mas sim como ato, repete-o sem saber naturalmente que o faz”. (p. 586). Afirma que a cura se inicia com esta repetição, que constitui uma maneira especial de recordação, sendo a transferência em si uma repetição como forma de lembrança: repetir é transferir o passado esquecido para a situação atual, com o analista e os outros. Freud enfatiza a importância da correspondência da transferência com o passado no trabalho psicanalítico:

“A doença do analisando não pode cessar com o início da análise – é uma potência atual. Enquanto os pacientes vão vivendo como algo real, vamos nós praticando neles o trabalho terapêutico que consiste sobretudo na referência ao passado”. (1914b/1959, p. 588).

Freud (1917g/1959) chama a atenção para a impossibilidade de empreender um processo terapêutico com paranóicos e dementes precoces – qualificados como narcisistas - em cujos casos a resistência não pode ser superada, pela impossibilidade de resgatar a ligação com os objetos na realidade e na fantasia. Este desligamento e a regressão da libido para o *eu*, tornam o trabalho analítico inacessível aos conteúdos inconscientes e a uma mudança psíquica. Da mesma forma, em relação à melancolia, Freud confirma sua proposição e questiona as referências de cura nas neuroses de transferência:

“Ao contrário dos paranóicos, os melancólicos têm consciência de estar doentes e de sofrer gravemente, mas isso não os torna mais acessíveis ao tratamento psicanalítico. Estamos aí diante de um fato que não compreendemos, de sorte que temos a tentação de perguntar-nos se compreendemos bem todas as condições do bom êxito que obtivemos nas outras neuroses”. (1917g/1959, p. 494).

Retomando a referência à depressão, torna-se claro que o deprimido toma consciência de seu sofrimento, pois é a percepção de que se sente impotente para curar-se, o que o leva a buscar tratamento. Entretanto, percebemos uma expressão de distanciamento de seu próprio padecimento, como se a depressão estivesse alheia a ele e fora de uma significação em sua história. A queixa do deprimido traz uma série de citações que falam da sintomatologia, porém percebemos um prejuízo na implicação do paciente em suas relações durante a vida, em se pensar e colocar o analista em um lugar de cooperação. A questão da organização narcisista passa pelo entendimento de que há

uma alienação do sujeito em relação a si próprio e ao seu desejo. Buscamos investigar algumas proposições acerca da estrutura narcisista e o mecanismo de defesa que nela atua para que se instale este alheamento e, com efeito, o obstáculo à transferência.

3.3 ESTRUTURA NARCISISTA E CISÃO DO *EU*

Concebemos que o investimento narcisista prejudica a transferência conforme postulada por Freud: um artifício em que se implicam fatores como evolução do *eu*, fixação em objetos, regressão a fases do desenvolvimento da sexualidade e, principalmente, o investimento no analista como objeto – marca da neurose de transferência. No terreno das neuroses narcísicas, especificamente no que concerne ao estado deprimido, a alteração na relação transferencial, embora efetive-se o comparecimento e a assiduidade ao tratamento, expressa-se na fala do paciente como impossibilidade de que o analista o acompanhe: o movimento para sair da situação de sofrimento parece distante de si, e a possibilidade de mudança de estado não se localiza na relação com o outro. Esta noção nos leva a pensar em um encerramento em si mesmo, o que nos faz buscar alguns entendimentos que delineiam as questões do *eu* e da psicoterapia com sujeitos deprimidos. Nesta linha, trazemos o pensamento de Marucco (1998), que elabora importantes construções sobre a questão narcisista em transferência: compreende que o narcisismo evidencia-se nas patologias que comparecem na clínica na atualidade, em que a depressão inscreve-se como expressão de uma organização narcisista.

Segundo a concepção de Marucco, o tema do narcisismo articula-se aos do complexo de Édipo e da cisão do *eu*: concebe o aparelho psíquico como uma estrutura em que há um inconsciente recalcado e um outro, produto da *negativa*. De acordo com este entendimento, a negativa estrutura-se em dois registros: como mecanismo de defesa

patológico e como estruturante da divisão do aparelho psíquico. Dessa forma, Marucco propõe uma terceira tópica em relação à teoria freudiana, em que a negativa e a cisão do *eu* são fundantes do psiquismo, aproximando-se do recalque como inauguração da divisão psíquica – uma tópica em que se situa o inconsciente cindido, que nunca foi recalçado. Em Freud, a *negativa* constitui um mecanismo defensivo que é em si mesmo um veículo, por assim dizer, do conteúdo recalçado: “a negação na realidade já supõe um relaxamento do recalque, mas não, logicamente, uma aceitação do recalçado”. (Freud, 1925/1959, p. 294). A negação auxilia o conteúdo recalçado a ter acesso à consciência, ao mesmo tempo em que permanece fazendo presença a força do recalque, justamente pela contestação que o elemento negativo da fala sugere: o julgamento – revelado pelo ‘não’ é “um atestado de origem, algo assim como o ‘made in Germany’”. Através do símbolo da negação o pensamento liberta-se das restrições da repressão e se enriquece com elementos de que não pode prescindir para sua função” (p. 294) - a saber, a função de julgamento. Freud assinala que a negação é consequência da expulsão, efetivada pela função intelectual do juízo originada dos impulsos primários: através do juízo, o *eu* inclui ou expulsa elementos percebidos, em uma lógica antitética, tal como a dualidade pulsional: “a afirmação – como substitutivo da fusão – pertence a Eros; a negação – consequência da expulsão – pertence à pulsão de destruição”. (p. 297). A negativa é, assim, um símbolo de um reconhecimento do inconsciente por parte do *eu*, como forma de independência e de uma tentativa de diferenciação entre o fictício e a realidade. Freud pondera que aquilo que o sujeito repele é o real sentido da representação: o que existe dentro, no mundo subjetivo, diz respeito somente à fantasia, e o que é real, existe também fora. A negação constitui um dispositivo que contesta e convalida uma discordância entre representação psíquica e percepção de elementos externos ao *eu*. Parece que Freud nos fala de uma tentativa de verificação, empreendida

pelo *eu*, do caráter real dos objetos, e esta operação associa-se à faculdade de julgamento da realidade, proporcionando um encontro com esta. A esse respeito, considera:

“[...] a função do juízo tornou-se possível porque a criação do símbolo da negação permite ao pensamento um primeiro grau de independência dos resultados do recalque, e com isto também da coerção do princípio do prazer”. (Freud, 1925/1959, p. 297).

Entretanto, a negativa revela uma contestação do conteúdo percebido, em uma operação oposta à ligação erótica, isto é, relacionada à pulsão de morte, visto que em Freud (1925/1959) este mecanismo vincula-se à destruição da representação. Para Marucco (2005) o entendimento da ‘desmentida’ nas patologias da atualidade “apontam para o não-representado” (p. 65). Assim, traz o conceito de *zonas psíquicas*, segundo o qual, diferentes estruturas marcariam os funcionamentos das patologias de hoje. A partir do que define como quatro conceitos fundamentais na obra de Freud – interpretação dos sonhos, narcisismo, pulsão de morte e fetichismo – considera que as estruturas patológicas da contemporaneidade expressam estas zonas, coexistentes e sobrepostas no aparelho psíquico. Entende que as expressões destas zonas psíquicas na clínica – o predomínio de umas sobre outras – variam no tempo, de acordo com o momento e mesmo com o paciente. Marucco argumenta que o analisado de hoje tem características diferentes daquele da época de Freud, apresentando patologias atuais que solicitam outras formas de fazer psicanálise. Para o autor, o analisado de hoje manifesta

“[...]um psiquismo que se expressa além da representação, angústias que excedem a de castração (angústias de intrusão, de vazio, de aniquilação, etc.) e defesas que não se limitam à repressão

(desmentido e excisão do ego, etc.). Por essa razão, este analisado foge à possibilidade do nascimento, desenvolvimento e dissolução da transferência na versão de uma neurose transferencial”. (2005, p. 65).

Marucco (1998) sugere a idéia de que o psiquismo comporta dois inconscientes: um, que pode ser conhecido pelo trabalho de análise, e que procede do recalque pela ameaça à castração do complexo de Édipo, recalque este fundante do inconsciente recalcado; o outro inconsciente é aquele que não sofreu recalque e existe junto ao Édipo recalcado. Pontua que se a análise restringir-se ao levantamento do recalque, segundo a proposta de Freud, este outro inconsciente – que não foi recalcado – é o que fica fora do alcance da análise. Para Marucco (idem) o inconsciente do Édipo e o produto da negativa são estruturas: denomina *estructura narcisista* este inconsciente cindido, que contém o desejo dos pais como núcleo, por considerá-la “al menos qualitativamente, tan estructura como la edípica¹”. (p. 34). Assim, compreende que o momento do Édipo é instaurador da cisão do *eu*, em Freud: uma parte reconhece a diferença entre os sexos, re-significando a ameaça de castração; a outra parte do *eu* desmente a realidade ameaçadora e mantém a compensação do narcisismo. Marucco sugere, situando esta noção na relação intersubjetiva, uma oposição entre narcisismo próprio e narcisismo alheio – que diz respeito ao desejo dos pais em relação ao filho. Concebe esta idéia da seguinte maneira: anteriormente apoiado no auto-erotismo, o narcisismo do sujeito se funde e se conjuga com o dos pais, de modo que “[...] al llegar a la conflictiva historia del tres, su resolución implica inevitablemente represión y desmentida, es decir, *escisión del yo*²”. (p. 34). Dessa forma, Marucco compreende que a estrutura narcisista forma-se na cisão do *eu*: um eu que chega ao *ideal do eu* do Édipo e recalca, e outro,

¹ Tradução nossa: “ao menos qualitativamente, tão estrutura como a edípica”.

² Trad.: “ao chegar à conflitiva história do três, sua resolução implica inevitavelmente recalque e desmentida, isto é, *cisão do eu*”.

que se detém no *eu ideal* e desmente – nega – constituindo o inconsciente cindido pela negativa. A construção de Marucco a respeito da cisão do *eu* como efeito da desmentida é explicada conforme o seguinte: frente à ameaça à castração, uma parte do *eu* a reconhecerá e recalcará seu Édipo fundando o inconsciente recalcado. Outra parte do *eu* desmentirá a castração, e ao fazer isso, conformará um inconsciente não recalcado, um inconsciente produto da desmentida como defesa psíquica. O fetichismo entra aqui como indicação de uma patologia em relação à desmentida.

Procuramos situar o pensamento de Marucco no que concerne ao *eu* no narcisismo e à relação com os objetos para que possamos compreender a concepção de transferência quando se tratam de neuroses narcísicas. Deste modo, o autor considera que a transferência é a forma de manifestação dos impulsos eróticos recalcados – a insatisfação dos pais, ou os desejos eróticos destes – que se reproduzem como repetição: repetem-se desejos e histórias alheios às pulsões do sujeito.

Marucco (1998) amplia a questão de tornar consciente o inconsciente como propósito da análise, inferindo que esquecer e recordar são elementos que alicerçam o movimento de preencher as lacunas de memória; o que está inconsciente pode ser o conteúdo recalcado, herança do complexo de Édipo, mas também algo para além disso: pode ser a própria cisão do *eu*, como algo que nunca foi consciente, porque nunca sofrera recalque. Dessa forma, tornar o inconsciente consciente pode não se restringir às questões de esquecimento e recordação, mas consistir em uma espécie de apropriação, ou, antes disso, de reconhecimento de uma diferença entre o próprio e o outro. O conteúdo inacessível à lembrança e que se perpetua na repetição faz retornar justamente o que podemos conceber como o resquício do narcisismo dos pais: o primeiro narcisismo que efetiva a cisão entre o desejo do sujeito e o que está alheio a ele. Podemos ver em Freud (1917g/1959) uma matriz deste pensamento sobre o alheamento do desejo do sujeito nas

neuroses narcísicas, significando que a desapropriação do próprio desejo e do afeto é obstáculo à transferência:

“[...] a observação demonstra que os doentes de neurose narcísica não possuem a faculdade da transferência ou dela só apresentam restos insignificantes. Repelem o médico, não com hostilidade, mas com indiferença. Eis porque não são acessíveis à sua influência, tudo o que ele diz os deixa frios, não os impressiona de modo algum; também esse mecanismo da cura, tão eficaz nos outros e que consiste em reanimar o conflito patogênico e superar a resistência oposta pelo recalçamento, não se deixa estabelecer neles. Conservam-se tais como são. Já de iniciativa própria fizeram tentativas de corrigir a situação, mas essas tentativas só tiveram efeitos patológicos. Nada podemos alterar neste ponto”. (p. 504).

Marucco (1998) infere que a transferência acontece em momentos: não comparece como uma constância, mas se constitui em situações em que vêm as questões edípicas postas em evidência pela repetição das injúrias narcisistas com o propósito de prolongar o narcisismo primário, pois renunciar a ele seria abrir mão do ideal proposto como desejo de futuro. Este ideal endereça ao narcisismo que compensa o desamor da infância – a decepção de que nos falava Green (1988): o investimento no *eu* possibilita ao sujeito encontrar um objeto de amor que fora perdido na desilusão com os pais como ideal. Marucco chama a atenção para a estranheza do fato de o sujeito manter-se em uma posição traumática para não renunciar ao ideal narcisista projetado no futuro: conserva um ponto de chegada que contém um desejo que não é seu, mas sim dos pais. Nesta linha, questiona se o inconsciente, além de ser o lugar do desejo do Édipo, recalçado, poderia ser o lugar do desejo do outro, alheio ao sujeito e que o cinde. Infere que:

“Por eso, el momento transferencial, al liberar el deseo del Edipo de su compulsión repetitiva – que en realidad es el deseo de los padres -, ofrece la posibilidad de salir de aquel narcisismo e ingresar al placer del amor objetal³”. (p. 24).

Diante disso, entendemos que Marucco sugere uma saída para a instalação da transferência nas neuroses narcísicas; a construção teórica que corresponde a esta saída está na passagem da repetição do desejo dos pais – inaugurador do narcisismo primário – para o amor objetal, isto é, para uma relação em que haja um afrouxamento da proposta do *eu* ideal. Entendemos que esta saída seria uma tentativa de construção de um desejo do sujeito e a conseqüente orientação para os objetos “atuais”, por assim dizer. Talvez o processo de análise da depressão exija como primeiro passo o resgate do reconhecimento do sujeito quanto ao seu desejo, de forma que se possa atribuir aos objetos um estatuto de realidade, no sentido de destituir o *eu* de sua função de objeto. Nesta linha, Marucco pontua que “[...] la ‘neurosis narcisista’ adquirirá una particular forma de expresión en el proceso analítico y exigirá un abordaje técnico distinto⁴” (1998, p. 44). Esta forma de expressão dirige-se para uma passagem do amor pelo *eu* ao amor pelo objeto; Marucco (1998) enfatiza uma distinção em que associa o investimento no objeto ao narcisismo, e o desejo, ao Édipo: significa dizer que no desejo, quando passa a existir um amor pelo objeto, evidencia-se um objeto perdido; quando há apenas a carga de objeto, ao contrário disso, não há uma perda reconhecida, pois a necessidade não aponta para um objeto – em realidade, este nunca existiu. Completa sua consideração:

³ Trad.: “Por isso, o momento transferencial, ao liberar o desejo do Édipo de sua compulsão repetitiva – que na realidade é o desejo dos pais – oferece a possibilidade de sair daquele narcisismo e ingressar no prazer do amor objetal”.

⁴ Trad.: “a ‘neurose narcisista adquirirá uma particular forma de expressão no processo analítico e exigirá uma abordagem técnica distinta”.

“De ahí que sea necesario que el yo real devenga yo verdadero por medio de la ‘desidentificación’ del yo de placer de la identificación primaria, para que haya un verdadero Edipo, dueño de sus pulsiones. O sea, un yo de deseo en lugar de un yo de carga de anhelo⁵”. (1998, p. 44).

Compreendemos a proposta de Marucco como uma tentativa de construção do amor objetual na análise da neurose narcisista, que possibilitaria, a partir daí, o acontecimento transferencial. Esta idéia nos leva a pensar na construção de um objeto como um processo anterior à transferência, para que pudesse ser representado no psíquico. Supomos que na história do sujeito não houve um contorno designativo de objeto: permanecera como quantidade que não encontrara representação psíquica. Assim, na situação analítica já não está em questão, para Marucco, o fato de repetir o que, na relação com objetos, não pode ser lembrado: é a própria construção de um *eu* desejante, conforme propõe, a partir de Freud: “la compulsión a la repetición tendría que organizar, como ante toda la ‘inundación’, una estructura de deseo, es decir, un yo deseante⁶”. (p. 33). A partir desta questão de que seria preciso construir um *eu* desejante, buscamos compreender de que forma poderia efetivar-se esta formação, que endereça a uma construção primitiva: o desejo do sujeito em relação aos objetos. A entrada no amor pelo objeto requer, conforme vimos com Marucco, uma abdicação do desejo dos pais, que significa sair do investimento no ideal para um investimento nos objetos a partir de si próprio. Neste ponto, buscamos compreender a relação entre estrutura narcisista e a busca pela construção de uma estrutura de desejo.

3.4 COMPULSÃO À REPETIÇÃO E ALHEAMENTO

⁵ Trad.: “Daí que seja necessário que o eu real devenha eu verdadeiro por meio da ‘desidentificação’ do eu de prazer da identificação primária, para que haja um verdadeiro Édipo, dono de suas pulsões. Ou seja, um eu de desejo no lugar de um eu de carga de anelo”.

⁶ Trad.: “a compulsão à repetição teria que organizar, como ante toda a ‘inundação’, uma estrutura de desejo, isto é, um eu desejante”.

Marucco (1998) traz a questão da compulsão à repetição em análise, de forma a entender que se configura como retorno ao narcisismo primário – o do *ideal do eu* posto pelos pais – portanto, alheio a sujeito: entendendo que o desejo dos pais gera uma magnitude de excitação que toma uma dimensão traumática, pelo excesso, a compulsão à repetição seria esta tentativa do *eu* tornar-se desejante para se organizar. Por meio da compulsão à repetição, a excitação excessiva provocada pelos pais poderia ser ligada a objetos. A este respeito Green (1988) nos falava sobre o objeto traumático: o desejo do objeto impõe um movimento ao *eu*, desorganizando seu esquema pulsional. Isso acontece pela percepção de que os objetos não correspondem à necessidade do sujeito – uma decepção, conforme Green. A compulsão à repetição seria, então, esta tentativa de organização do desejo do sujeito no *eu*.

Esta condição de um sujeito alheio ao seu desejo e que tenta retomar a uma ligação com os objetos para construir um *eu* desejante, conteria, respectivamente um obstáculo e um ponto de apoio para a psicanálise relacionada à organização narcisista? Retomando a consideração de Freud em que nas neuroses narcísicas há uma impossibilidade de estabelecer uma situação transferencial, encontramos a seguinte correspondência com a situação do deprimido: o esvaziamento/aniquilamento, a alteração da noção de tempo e a inacessibilidade ao vínculo nos fazem pensar em um prejuízo do desejo e da representação dos objetos. Neste sentido, Green enfatiza a “linguagem sem objeto” (p. 76) do discurso narcisista, em que o sujeito permanece como quem fala sobre o que sente, mas que não se coloca em relação ao objeto. Neste ponto, lembramos a noção de “recinto fechado” da depressão, inferida por Fédida:

“Os pacientes deprimidos expressam sua queixa da seguinte maneira: solicitam contato, mas mostram ao mesmo tempo o sentimento dissuasivo de que esse contato não serve para nada e que

não pertence à ordem da fala, buscando assim imprimir no analista uma representação de si em negativo, que asseguraria a obrigação de não se nutrir de qualquer ilusão. O recinto fechado do estado deprimido não existe somente no sentimento de isolamento: ele é constituído pela desposseção da imagem de si. [...] Poderíamos mesmo perguntar se, na presença do analista, a cisão não se acentua, e se a fala da queixa não procederia de uma instância interna produzindo um discurso psicológico de comentário. (p. 22)”.

De fato, percebemos, na experiência clínica, que a queixa do paciente gira em torno da narrativa sobre seu próprio estado: o sujeito deprimido expressa um distanciamento de suas vivências, e torna-se difícil, em um primeiro momento, identificar uma repetição, pois a psicoterapia parece configurar-se como um lugar para ‘relatar’ acontecimentos que produziram este estado. Green (1988) faz referência ao estilo narrativo da fala do analisando nas organizações narcisistas: “Seu papel é comover o analista, implicá-lo, fazê-lo testemunha no relato dos conflitos localizados no exterior”, produzindo escassas associações para não entrar em contato com o afeto que reviver a situação proporcionaria. “Como uma criança que contasse à sua mãe seu dia na escola e as centenas de pequenos dramas que viveu, para interessá-la e fazê-la participar do que descobriu na sua ausência”. (p. 261). A idéia de um predomínio da narrativa no discurso narcisista nos leva a pensar no que Fédida (2002) delineia como paradigma do sofrimento depressivo, cujo elemento aproxima-se da neurose obsessiva: “o do isolamento auto-suficiente do psíquico em sua tentativa desesperada de curar-se ele mesmo e por ele mesmo; [...] o de uma condição da vida psíquica caída na rede da repetição compulsiva e devendo acabar por apagar-se na exaustão”. (p. 118). Aproximamos a idéia de Green (1988) da concepção de Fédida no que se refere às organizações narcisistas: a questão de que o sujeito mantém-se fiel a si mesmo, ‘guardando’ o narcisismo, “que prefere o fracasso da análise ao risco da mudança pela

abertura ao objeto”. (p. 74). Isso nos remete ao prejuízo no estabelecimento da transferência, conforme vimos: o narcisismo que identificamos no estado deprimido fala de um muro sobre o qual Freud (1917f/1959) supõe lançar o olhar para ter acesso ao que se passa ali dentro.

Considera-se, então, que nas neuroses narcisistas haja uma impermeabilidade do sujeito para o outro em função de uma decepção aniquiladora com os objetos, de forma que a saída encontrada teve lugar na garantia de satisfação a que o *eu* como objeto se propõe. Temos entendido que se abrir para o amor ao objeto é uma ameaça para o sujeito, pois, além da marca da decepção, o objeto impõe um movimento pulsional que desorganizaria o sujeito devido à alienação ao seu desejo. Continuando com Freud (1917h/1959) segundo o qual o analista possibilita a transferência por tomar o lugar de objeto provisório, concebemos que a comunicação com um objeto torna-se possível pelo *eu*, instância que funciona como porta de saída para o externo e, por conseguinte, para a transferência. Partindo da idéia de que nas personalidades narcísicas um dos fatores que obstaculiza a análise aponta para o investimento isolado no *eu*, vemos na condição narcisista a repetição como tentativa de restituir um investimento pulsional nos objetos primários, conforme apontado por Marucco (1998). Nesse sentido, Figueiredo (2003) traz algumas hipóteses - que se entrelaçam - no que tange à questão da compulsão à repetição nas patologias narcisistas: na primeira, sugere que a *repetição* corresponde à pulsão em “*busca de descarga a qualquer preço por não ter encontrado nos objetos primários o apoio e a continência para o exercício das operações mais básicas de mediação, ligação e separação*” – manifestando a pulsão de morte. (pp. 151-152). Sugere que a pulsão só se manifesta sem representação nem ligação quando não encontra em seus objetos a capacidade de eles exercerem as funções primárias que são as bases de todos os processos de ligação. Assim, pontua:

“A pulsionalidade enquanto tal, a rigor, nem liga nem desliga; as pulsões *pulsam*, e já é o suficiente. São os objetos primários que, interceptando essa pulsionalidade, podem conduzi-la às ligações ou, por sua ausência ou por suas insuficiências, podem provocar e disparar as forças de descarga e do desligamento”. (p. 152).

A segunda hipótese de Figueiredo (2003) diz respeito à preferência do psiquismo pelo “desligamento, pela destruição parcial ou total dos objetos e a própria morte”. (p. 152). Chama a atenção para a idéia de que mesmo nesses casos, ainda há uma “vitalidade profunda” nas repetições. Entende que a repetição é também, mesmo quando reduzida à pulsionalidade mais primitiva, a testemunha de uma busca de *afirmação do mesmo à revelia do outro*, sendo, ainda assim, narcisismo, isto é, “*constituição do próprio*”, mesmo que isso passe pela destruição do outro. A terceira hipótese concerne à concepção de “*repetição como insistência na procura de um objeto vivo e saudável e na restauração dos objetos danificados ou mortos*”. (p. 153). É como se o sujeito precisasse “cuidar de seus ‘objetos’ para que eles possam assumir as funções decisivas na sua constituição psíquica e física”. (p. 153). Esta idéia ecoa a proposta de Fédida (2002) em relação ao que se pode chamar de vivificar os objetos: “os estados deprimidos são como modos de identificação primária com o *morto na alma* – o morto esquecido ou negligenciado tendo se dado como sepultura o corpo inerte do deprimido, que lhe atribui assim o poder de conservá-lo vivo”. (p. 190). No mesmo terreno, Fédida (1988) nos fala sobre o trabalho da melancolia no tratamento analítico: “o que é desejado pelo indivíduo é o retorno ao estado de inércia orgânica” (p. 43); considera que a “compulsão à repetição é o motor de toda pulsão. Ora, a morte está no âmago de toda pulsão” (idem), e conclui: “o paciente faz do analista aquele que representa o Ideal do eu ideal”. (idem). Na mesma linha, Green (1988) considera que no narcisista “toda a

estrutura do sujeito visa a uma fantasia fundamental: nutrir a mãe morta, para mantê-la num perpétuo embalsamento”. (p. 261); pontua que o analisando age com o analista da mesma forma: nutrindo-o com a análise para prolongá-la num processo interminável, pois quer ser “a criança ideal que toma o lugar de um morto idealizado, rival necessariamente invencível porque não vivo, isto é, imperfeito, limitado, finito”. (idem). Na construção que faz sobre o complexo da mãe morta, Green (idem) propõe diferenciar um “narcisismo primário positivo” (que se vincula a Eros), “tendendo para a unidade e a identidade” e um “narcisismo primário negativo” (que se corresponde com as pulsões de destruição). O lado negativo do narcisismo primário manifesta-se “pela tendência do Eu a desfazer sua unidade para tender a zero. Isto se manifesta clinicamente pelo sentimento de vazio”. (p. 267). Este *eu* primário está confundido com o objeto: o objeto morto – a mãe morta – “carrega por isto o Eu para um universo deserto, mortífero”. (p. 267). Seguindo este pensamento, a alucinação negativa não se refere a uma percepção, pois o objeto está ausente: sugere uma mimetização, no sentido de confundir-se, com a ausência do objeto. Deste modo, acompanhamos Fédida (2002) que concebe a alucinação negativa como “*essa capacidade física do psíquico de ausentizar o outro em sua presença*”. (p. 116). Para ele, a alucinação negativa aparenta-se ao fenômeno histérico e inscreve-se no “primeiro modelo da *experiência de satisfação*” (idem); uma satisfação que nos leva a pensar na necessidade de negação do amor pelo outro que causara decepção para o sujeito. Para Marucco (1998) o narcisismo pode organizar-se como um refúgio ante o poder de frustração que o objeto detém: a transferência implica, além da carga erótica de objeto, a reedição de uma história anterior, que se associa ao poderio do outro sobre o sujeito. Esta anterioridade em transferência está ligada à estruturação narcisista em que não há uma diferenciação entre sujeito e objeto, segundo Marucco (idem).

A relação entre pulsão de morte e depressão reside na noção de que a compulsão à repetição em análise significa uma tentativa de restituição dos objetos e do desejo do sujeito. A questão da fusão com o objeto ecoa a idéia de que o deprimido percebe-se esvaziado de desejo, delineando-se a inacessibilidade do outro para o sujeito, prejudicando a instalação da transferência. A identificação com o ideal, que remete ao narcisismo dos pais em seu desejo em relação ao sujeito, nos leva a considerar a pulsão de morte como desligamento do sujeito em relação ao seu desejo, entendendo que este depende de uma significação de objeto, de algo que dê notícias de um investimento pulsional. Em análise, a construção de um objeto e do desejo do sujeito encontra correspondência na concepção de amor de transferência, e a partir disso procuraremos conexões entre a questão narcísica e o amor de transferência na clínica psicanalítica.

3.5 AMOR DE TRANSFERÊNCIA E CONSTRUÇÃO

No início deste trabalho, partimos da idéia de que o paciente deprimido traz em sua fala uma vivência de perda de amor – e ressaltamos que esta perda originária, por assim dizer, não tem um contorno, nem uma lembrança nítida em sua história. Quando falamos em transferência, apontamos para uma idéia fundamental: a de que se instala uma ligação em que o analista toma o lugar de objeto – de amor. Em Freud (1915/1959) o amor de transferência denota uma transformação afetiva em que se presentifica em análise uma relação antiga de amor de objeto: o paciente solicita ao analista a assunção de um lugar que possibilite a reedição de cenas em que houve um registro de satisfação pulsional. Nesse sentido, Freud infere que a medida do amor em transferência diferencia-se do amor experimentado outrora no sentido da autenticidade, isto é, há um exagero na expressão deste amor ‘já acontecido’. Entretanto, assim como sugerimos que na depressão há uma referência à perda de amor, compreendemos também uma recusa à

ligação de amor com os objetos, dando notícias de uma associação com a pulsão de morte. Parece instalar-se uma antítese quando se fala na relação entre neurose narcisista e amor: no narcisismo, torna-se elemento evidente a noção de negativo no sentido de desligamento e ausência de desejo, e isso se expressa na tentativa de retorno a uma busca pela referência dos primeiros objetos de amor. Conforme vimos com Figueiredo (2003), a compulsão à repetição seria como uma tentativa de restituição dos objetos vivos que proporcionariam as operações fundamentais de “mediação, ligação e separação”. Nesse sentido, a transferência corresponderia a um trabalho de reorganização do *eu*, que está alheio às pulsões e se constrói sobre o terreno de uma estrutura cindida em que há uma presentificação da ausência. Segundo Fédida (2002) o amor de transferência protege o paciente das ameaças internas:

“É procurar uma situação de dominação porque na evolução pessoal, o processo analítico começou a se abrir: o verdadeiro encontro com as angústias de morte arcaicas, o terror de um aniquilamento. Nessas condições o paciente se agarra ao terapeuta esperando fazer uma unidade com ele”. (p. 48).

Freud (1930/1996) salienta que o amor traz em si a possibilidade de um apagamento da fronteira entre *eu* e objeto: “Contra todas as provas de seus sentidos, um homem que se ache enamorado declara que ‘eu’ e ‘tu’ são um só, e está preparado para se conduzir como se isso constituísse um fato”. (p. 75). Compreendemos, assim, que o amor de transferência possibilita uma fusão com o objeto, que, neste caso, diz respeito a um outro também desejante e variável, representado na figura no analista. O amor de transferência protege o sujeito justamente da fragmentação, no sentido de que a união com o analista daria um sentido de unidade em si mesmo, e talvez esteja aí uma tentativa de restituição dos primeiros objetos de amor e uma possibilidade de o sujeito apropriar-se do seu desejo. Isso corresponde à questão de que tendo com o analista um

acesso à construção de um objeto de amor, poderia a transferência ter como efeito uma atualização do desejo do sujeito pelos objetos primários, ao qual esteve alheio.

Como vimos com Freud (1917b/1959) o analista desempenha o papel de ensinar o paciente a destituir o psiquismo do domínio do princípio do prazer; entretanto, supomos que nas neuroses narcísicas o *eu* é estruturado de forma arcaica, o que impossibilitaria o vínculo com o analista. Quando o ponto é justamente a possibilidade da psicoterapia com sujeitos deprimidos sobre os quais se considera o predomínio do narcisismo como perturbador da transferência, nossa questão continua em aberto: de que forma seria viável a provocação do amor em transferência na psicanálise com estes pacientes? Compreendemos que a transferência depende de uma mínima organização do *eu* – o “amadurecimento” que Freud sinalizara no sentido de uma disposição ao outro. Marucco (1998) infere a respeito do trabalho do analista com o sofrimento que se apresenta nas neuroses chamadas contemporâneas, entre elas as organizações narcisistas:

“Para abarcar lo más ampliamente todas estas alternativas, el analista de hoy tendrá que dejar el lugar de la omnipotencia (en el que alguna vez fue ubicado, y se ubicó) y desacralizarse para trabajar denodadamente junto con su paciente para ayudarlo a librarse de su padecer⁷”. (1998, p. 288).

Marucco (1998) salienta que a modificação psíquica em direção à ligação e restituição dos objetos de amor pode ser alcançada no trabalho de transferência. Neste sentido, Marucco (2005) propõe que o ponto de partida para o trabalho psicanalítico e a instalação da transferência diz respeito a uma provocação do interesse do sujeito pelo

⁷ Trad.: “Para abarcar o mais amplamente todas estas alternativas, o analista de hoje terá que deixar o lugar da onipotência (em que alguma vez foi colocado, e se colocou) e se dessacralizar para trabalhar ousadamente junto com seu paciente para ajudá-lo a se livrar de seu padecer”.

seu funcionamento psíquico, o que despertará uma “transferência positiva em direção ao questionamento psicanalítico sobre sua pessoa” (p. 66). Significa dizer que o trabalho analítico pode ser impulsionado e mantido por meio de uma transferência positiva em direção à própria análise, cuja tarefa consiste, nesta situação, em auxiliar o paciente a construir sua história quando esta não foi representada. Supomos que algum vestígio de uma história significada estejam presentes no sujeito, pois há, na narrativa do deprimido, referências a perdas. A idéia de construir uma história em que haja objetos de amor e desejo nos leva a entender que seria preciso, para além de retornar a um desejo perdido no desejo dos pais, constituir o próprio lugar do sujeito em sua história. Nesse sentido, Freud (1937/1996) nos fala a respeito da tarefa do analista: “completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, construí-lo” (p. 276). As construções constituem pontos de partida para que se possa, então, fazer desvelar-se o que se supõe oculto ou esquecido. Conforme propõe Marucco:

“Quando essa história não existe, quando não há palavras que possam contá-la, é condição fundamental a instalação de um processo analítico capaz de construir ‘história’. Que história se constrói, então? A de funcionamentos psíquicos que estão além do princípio do prazer, e que respondem a essas ‘marcas mnemônicas ingovernáveis’ (como eu as chamo) ou àquelas ‘vivências do tempo primordial’, mencionadas por Freud”. (p. 66).

No que concerne ao processo de psicoterapia com pacientes deprimidos, Fédida (2002) postula que:

“O processo psicoterápico corresponde certamente ao projeto de devolver ao paciente deprimido sua *capacidade depressiva*. [...] O vai-e-vem do ritmo associativo corresponde também à produção dos tempos da vida psíquica que é então reanimada do interior pela possibilidade de ligações”. (p. 157).

Em sua concepção, Fédida considera a própria transferência como a cura na psicoterapia, e coloca a importância do acesso à modificação no psiquismo do analista em função da transferência. Pondera que o analista deve se deixar transformar pela transferência, pois o psicoterapeuta pode dar ressonância, pelos afetos despertados em si, aos afetos do paciente, congelados e, com efeito, desconhecidos em suas tonalidades para o sujeito. Significa dizer que a presença e a fala do analista tomam importância essencial para o acesso à transferência. Infere que “[...] qualquer excesso de neutralidade e uma presença silenciosa demais podem suscitar no paciente um sentimento de aniquilamento que ele teme acima de tudo”. (p. 152). Assim sendo, Fédida (2002) pontua que é importante dar ao paciente deprimido o tempo do reconhecimento dos afetos e de suas nuances. A transferência para Fédida comporta em si a própria cura, desde que o analista disponha-se a entrar em contato com seus próprios afetos e a expressá-los, dando ao paciente a possibilidade de entrar em comunicação com o outro que é o analista. Entendemos que a psicanálise com pacientes na condição deprimida direciona-se para um trabalho de reorganização do *eu* em que se instala uma transferência no sentido de colaboração: trabalhar junto com o paciente na construção de sua própria operação de construir e se colocar em sua história. Tornar-se objeto provisório, conforme o pensamento de Freud, pode oferecer uma reedição da relação com os objetos e a construção de um *eu* desejante. Quando se trata de um *eu* arcaico e desorganizado na estruturação com os próprios objetos, seria essencial inaugurar um reconhecimento de que o analista acompanha ativamente o processo de restituição das experiências do sujeito. Mediante a correspondência dos afetos e da temporalidade no analista, torna-se possível ao sujeito uma apropriação de si e um interesse por seu psiquismo, pelas modulações de seus afetos e seu desejo. Deste modo,

torna-se acessível que seja representado um objeto vivo, abrindo-se a possibilidade de ligações de amor que se estenda para além da análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos construir algumas articulações a respeito do estado deprimido, tendo como eixos as questões do narcisismo e da perda. Partimos da idéia de que a depressão configura-se como neurose narcísica, em que há um investimento no *eu*, que toma a função de objeto. Pontuamos que a organização narcisista na depressão articula-se com a referência à perda de amor, e concebemos que entre a perda e a regressão ao *eu* há uma perturbação do afeto, da noção de tempo e do vínculo com os outros. Entendemos que a alteração nestes três elementos tem origem na relação com os objetos primários de amor, efetivando a configuração de um *eu* arcaico em cujo mecanismo a ligação com os objetos torna-se prejudicada, e supõe-se que mesmo na fantasia. A relação entre temporalidade e fantasia encontra sentido na noção de perturbação em relação ao tempo de recompor o objeto perdido, mesmo na fantasia. Consideramos que a questão da temporalidade está ligada à fantasia e à mobilidade pulsional que sua produção proporciona.

Em outro eixo, a questão acerca do narcisismo em transferência traz a idéia de que o prejuízo na vinculação ao outro representa um obstáculo à instalação da transferência como meio para o trabalho de análise. Sobre este ponto, entendemos que a organização precária do *eu*, a recusa à ligação com o outro, o movimento regressivo em direção ao não-representado e o alheamento do desejo do sujeito levam a um prejuízo da relação transferencial.

No funcionamento do deprimido está implicada a idéia de fixidez da libido ao *eu* e de deslocamento para o ideal do *eu*, designando o narcisismo primário. Consideramos que há uma identificação com o objeto representado na esfera do ideal, e isto remete ao ideal do sujeito no desejo dos pais. A identificação narcísica representa um recurso

empreendido pelo *eu*, para que, ainda que esteja empobrecido e esvaziado pela identificação com o objeto ausente, mantenha o contato com a realidade preservado. Atendo-nos à questão da propriedade da libido, consideramos que esta toma um caráter viscoso, o que se expressa na fixidez ao *eu* identificado com o objeto perdido. Frente ao que podemos chamar de aprisionamento da libido no *eu*, o mecanismo defensivo na depressão refere-se a uma recusa à ligação de amor.

Em relação à questão do afeto, trouxemos a idéia de afeto glacial como uma metáfora que se refere à regressão a uma forma primitiva de funcionamento psíquico, que se expressa como congelamento dos afetos. A idéia de que a depressão traz a marca de um afeto frio remete ao entendimento de que o desenvolvimento do estado deprimido tem uma ligação estreita com a relação do sujeito com os objetos primitivos. Nesta relação, entende-se que houve uma deficiência na capacidade de construir o objeto no psiquismo, de forma a possibilitar ao sujeito uma referência dos limites de si, da satisfação e da realidade. A dificuldade na conservação do objeto leva-nos a conceber que o objeto deixou de satisfazer o sujeito em momentos em que a noção de tempo e de si próprio eram ainda precárias. Entende-se que a perda do objeto tomou um caráter definitivo, pela incapacidade de o objeto funcionar como referência de realidade e mediador da satisfação pulsional para o sujeito.

Sugerimos que na neurose narcísica há uma recusa à ligação de amor com os objetos, a partir do que se supõe uma alteração psíquica na produção de fantasias. Contra este suposto impedimento de investimento na fantasia, entende-se a depressão como dispositivo de proteção contra a perda de amor e da referência de si próprio. Sugerimos que o tempo da perda está relacionado com a produção de fantasias, no sentido de que a fantasia dá notícias do objeto perdido mediante a presentificação do objeto na realidade subjetiva, ou psíquica. Como núcleos de satisfação entre a necessidade e a satisfação, as

fantasias proporcionam ao psiquismo uma organização da perda, imprimindo uma temporalidade que se concretiza nesta mediação entre necessidade pulsional e satisfação. No narcisismo, o *eu* tornado objeto não possibilita a mediação pulsional que seria proporcionada pelos objetos. Assim, o caminho tomado é o da satisfação imediata, que tem estreita relação com a pulsão de morte e com uma atemporalidade da satisfação, no sentido de uma impossibilidade de adiar a satisfação. Deste modo, propomos que a fantasia, sendo em si uma realização de desejos, torna-se também um destino pulsional pela possibilidade de antecipação da satisfação, estabelecendo com esta uma relação temporal. Dessa forma, a construção de fantasias promove uma conservação do objeto no psiquismo, cujo efeito é a liberação da libido do *eu* em direção a outros caminhos pulsionais. Assim sendo, ponderamos que a mobilidade pulsional confere ao sujeito uma referência de tempo em relação à satisfação proporcionada pelo objeto de amor, que varia em seu desejo e no próprio movimento pulsional. Esta referência do tempo entre o desejo e a satisfação abre caminho para uma apropriação do sujeito por seu desejo e por si próprio. A concepção de que a alucinação do objeto seja um modelo de fantasia associa-se à angústia como reação à ausência do amor do objeto. Em função da necessidade do sujeito e da variação do objeto em relação ao tempo de satisfação, a fantasia pode proporcionar uma proteção ao sujeito de não ter suas necessidades satisfeitas, reorganizando o dispositivo da angústia da espera de satisfação. Assim como a angústia designa uma noção de que a insatisfação é definitiva, o investimento na fantasia possibilita que a ausência do objeto transponha-se para o passado, pois dá notícias de um retorno a um estado em que o prazer e a satisfação estiveram preservados: uma possibilidade de perpetuação da ligação de Eros, rompida pela perda do objeto de amor.

O estado deprimido nos dá a idéia de um mecanismo defensivo em que há uma anulação do sentimento de perda do objeto, idéia esta expressa na noção de anulação da percepção da ausência do objeto. O rompimento com a disposição à vinculação com os objetos leva à concepção de fechamento em si mesmo como marca da depressão, em que a negação da perda representa uma fusão entre sujeito e objeto: não se efetivou delimitação do movimento, da percepção e do desejo do sujeito. Assim, perder o objeto corresponde a perder a si próprio, e é o que se expressa na sensação de vazio proferida pelo deprimido. O vazio aponta para o que não tem representação, indicando um funcionamento que tem a pulsão de morte como força central. A compulsão à repetição como designativa da pulsão de morte indica na depressão um retorno ao narcisismo primário em que está o desejo dos pais, alheio ao sujeito. Esta repetição entra como tentativa de restituir o investimento pulsional nos objetos primários por não ter encontrado nestas representações a referência de si mesmo e de ligação ao outro. Nesse sentido, a pulsão de morte na depressão remete a uma dupla concepção: como rompimento da ligação de amor com o outro e como tentativa de restituição dos objetos primários, vivos, que desejam pelo sujeito. A compulsão à repetição estaria na direção de uma organização do desejo do sujeito em relação aos objetos, como uma busca pela construção de objetos vivos. Compreendemos que na depressão há um desinvestimento do sujeito em direção à vida e ao que o anima; o deprimido desconhece seu desejo, por isso não investe ou não espera.

No campo da situação clínica, propomos que há um prejuízo na instalação da transferência como reedição da relação com os objetos originários. A conexão desta perturbação na relação transferencial conecta-se à idéia de uma resistência que se apóia na recusa ao outro. Esta dificuldade de estabelecer vínculos associa-se a uma fraca disposição do *eu* que, nos casos narcisistas, restringe-se a um modo precário de

funcionamento. O desligamento dos objetos em função da regressão ao *eu* indica o distanciamento do deprimido em relação a seu sofrimento, como se a depressão fosse alheia ao sujeito e destituída de uma significação em sua história. Isso se expressa no prejuízo na implicação do deprimido nas suas relações durante a vida, pois consideramos que há uma alienação do sujeito em relação a si e ao seu desejo.

Entendemos este alheamento do desejo como obstáculo à transferência: uma idéia de impossibilidade de que o analista acompanhe o sujeito no trabalho que possibilite fazer um movimento em direção à saída do sofrimento. Parece que a possibilidade de mudança de estado não se localiza na relação com o outro: na organização narcisista, não há diferenciação entre sujeito e objeto, por isso instala-se um prejuízo na representação dos objetos e do próprio desejo. Assim, entendemos que entrar em transferência, tomando o analista o lugar de objeto provisório, seria ameaçador para o sujeito.

Como saídas para o trabalho com deprimidos na clínica psicanalítica, sugerimos que a presença de um analista ativo possibilitaria que o sujeito percebesse que o outro pode afetar-se, comunicar-se e movimentar-se, em uma relação de correspondência das nuances afetivas do paciente. Nesse sentido, a transferência representaria um trabalho de reorganização da pulsionalidade do sujeito, em que o *eu* pode estar protegido da ameaça de perda do objeto, agora o analista. Propomos que o amor de transferência, no sentido de ligação pulsional, protege o *eu* de uma fragmentação, na medida que, formando uma unidade com o analista, que se propõe permeável ao tempo e ao afeto do sujeito. Deste modo, o analista assumiria o lugar de alguém vivo, que proporciona ao sujeito referências de limite entre dois e de temporalidade, permitindo ao paciente, no tempo entre ele e o analista, o reconhecimento de seus afetos, a restituição do amor

pelos objetos, a apropriação de seu desejo e a transposição da perda para o tempo passado.

Entre perda e narcisismo o funcionamento psíquico na depressão contorna o vazio: um mínimo de movimento em direção à vida e uma disposição ao outro que fica no limite entre um e outro. O alheamento a si próprio, a noção de perda permanente e o afeto que parece parado aproximam-se de um estado morto. Depois da perda do outro que ecoa a perda de si próprio, uma tentativa de proteção é acionada, e a depressão figura uma operação que dá notícias de uma imensa capacidade de amar. A medida da depressão como funcionamento de adaptação a perdas depende dos recursos e do tempo de que cada um disponha para se reintegrar, em si mesmo e ao outro. A depressão contesta tudo o que é inerente à vida, mesmo a direção do sofrimento. No trabalho com deprimidos torna-se importante deixar que o vazio, o silêncio e a morte façam-se presentes. Transpondo o que não tem representação para uma linguagem apreensível, por meio de palavras e lembranças, pode o deprimido construir um lugar no mundo que dê forma e sentido a uma existência que está em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CELES, L. A. M. Anotações para uma abordagem às demandas contemporâneas de psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo: Associação Brasileira de Psicanálise, 2005, 37: 1019-1034.

DELOUYA, Daniel. (2001) *Depressão*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

DOLTO, Françoise. (1984) *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FÉDIDA, Pierre. (1988) *Amor e morte na transferência*. In: *Clínica psicanalítica: estudos*. São Paulo: Escuta.

_____, P. (1999) *Depressão*. São Paulo: Editora Escuta.

_____, P. (2002). *Dos benefícios da depressão: elogio da psicoterapia*. São Paulo: Escuta.

FIGUEIREDO, L.C. (2003) *Transferência, contratransferência e outras coisinhas mais, ou a chamada pulsão de morte*. In: *Psicanálise – elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta. P. 127-158.

_____, L. C. (2003) *Verleugnung*. *A desautorização do processo perceptivo*. In: *Psicanálise - elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.

FREUD, S. (1895/1959) *A neurastenia e a neurose de angústia*. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 1.

_____, S. (1899a/1959) *As recordações encobridoras*. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 1.

_____, S. (1900/1959) *A interpretação dos sonhos*. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 2.

_____, S. (1904/1959) *Sobre psicoterapia*. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 6.

_____, S. (1905/1959) *Uma teoria sexual*. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 5.

_____, S. (1908a/1959) *Fantasia histéricas e sua relação com a bissexualidade*. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 8.

_____, S. (1908b/1959) *O poeta e a fantasia*. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 7.

_____, S. (1910a/1959). Uma recordação da infância de Leonardo da Vinci. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 6.

_____, S. (1910b/1959) Surram uma criança. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 6.

_____, S. (1910c/1959) Esquema da psicanálise. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 6.

_____, S. (1911a/1959) Os dois princípios do suceder psíquico. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 7.

_____, S. (1911b/1959) Considerações psicanalíticas sobre um caso de paranóia autobiograficamente descrito. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 9.

_____, S. (1912b/1959) A dinâmica da transferência. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 6.

_____, S. (1912c/1959) Conselhos ao médico para o tratamento psicanalítico. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 6.

_____, S. (1913a/1959) O tema da escolha do cofrezinho. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 7.

_____, S. (1913b/1959) A iniciação do tratamento. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 6.

_____, S. (1914a/1959) Introdução ao narcisismo. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 5.

_____, S. (1914b/1959) Recordar-se, repetir e elaborar. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 6.

_____, S. (1915a/1959) Os instintos e suas vicissitudes. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 5.

_____, S. (1915b/1959) A repressão. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 5.

_____, S. (1915c/1959) Observações sobre o amor de transferência. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 6.

_____, S. (1915d/1959) Considerações da atualidade sobre a guerra e a morte. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 7.

_____, S. (1916/1959) A tristeza e a melancolia. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 5.

_____, S. (1917b/1959) Pontos de vista do desenvolvimento e da regressão – etiologia. Conferência XXII. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 8.

_____, S. (1917c/1959) Os modos de formação dos sintomas. Conferência XXIII. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 8.

_____, S. (1917e/1959) A angústia. Conferência XXV. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 8.

_____, S. (1917f/1959) A teoria da libido e o narcisismo. Conferência XXVI. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 8.

_____, S. (1917g/1959) A transferência. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 8.

_____, S. (1917h/1959) A terapêutica analítica. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 8.

_____, S. (1918/1959) Caminhos da terapêutica psicanalítica. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 6.

_____, S. (1920/1959) Mais além do princípio do prazer. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 5.

_____, S. (1921/1959) Psicologia das massas e análise do eu. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 6.

_____, S. (1923/1959) O ego e o id. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 6.

_____, S. (1924a/1959) O problema econômico do masoquismo. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 7

_____, S. (1924b/1959) Neurose e psicose. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 7

_____, S. (1924c/1959) A perda da realidade na neurose e na psicose. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 7.

_____, S. (1925/1959) Inibição, sintoma e angústia. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 6.

_____, S. (1927/1959) Fetichismo. In: ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXI.

_____, S. (1930[1929]/1959) O Mal-Estar na Civilização. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio De janeiro: Imago, 1996.

_____, S. (1932-1936/1959) Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: ESB. Rio de Janeiro: Imago, vol. XXII.

_____, S. (1933/1959) A neurastenia e a neurose de angústia. Primeiras contribuições à teoria das neuroses. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 1.

_____, S. (1937/1959) Construções em análise. In: ESB. Rio de Janeiro: Imago. Vol. II.

GREEN, André. (1988) Narcisismo de vida, narcisismo de morte. São Paulo: Editora Escuta.

HANNS, L. A. (1996) Dicionário comentado do alemão de Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed.

LACAN, J. (1949) O estágio do espelho como formador da função do eu. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. (1988) Fantasia originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____ (1992) Vocabulário de psicanálise. São Paulo: Martins Fontes.

MARUCCO, N.C. (1998). Cura analítica y transferencia. De la represión a la desmentida. Buenos Aires: Amorrortu editores S.A.

_____, N. C. (2004) Processo analítico e “historicização” no imediatismo da cultura: contribuições para uma psicanálise contemporânea. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 2005, 27(1), 63-68.